



**FACS – FACULDADE DE CIÊNCIAS E SAÚDE
CURSO: PSICOLOGIA**

SIMBOLISMO DO FOGO E TENTATIVAS DE SUICÍDIO

Leonardo Santana

BRASÍLIA/ DF JUNHO DE 2005

Leonardo Santana

Simbolismo do Fogo e Tentativas de Suicídio

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília elaborada sob a orientação da professora Virgínia Turra.

BRASÍLIA/ DF, JUNHO DE 2005

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha querida avó
Alzira.*

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais por todo o apoio dado em minha jornada na faculdade. Agradeço também aos meus amigos e amigas pela paciência por me agüentarem nas horas de “surto” e apoio nas horas mais difíceis.

Agradeço à Giselle, amiga e parceira na turma, que, em sua imensa criatividade, me apresentou à teoria de Carl Gustav Jung.

Não posso esquecer de agradecer à Mariana, que me ofereceu a oportunidade de estagiar no HRAN. Agradeço também, ao Dr. Mário Frattini por me receber e confiar no meu trabalho. À Tereza Matos, minha supervisora, que com sua competência e bom humor fizeram dessa experiência uma oportunidade única de aprendizado.

Por fim, agradeço à minha orientadora Virgínia Turra, que desde o início “comprou” todas as minhas idéias, por mais absurdas que elas fossem.

A todos, o meu sincero OBRIGADO!

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO.....	7
Conceitos básicos da psicologia junguiana	7
Psique	7
Consciência.....	9
Ego.....	10
Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo	13
Arquétipos	18
Persona	20
Anima e Animus.....	21
Sombra.....	23
Si mesmo	25
ALQUIMIA	26
Alquimia e Psicoterapia.....	28
PROCESSOS ALQUÍMICOS.....	29
Calcinatio.....	29
Calcinatio, Secagem e Psicoterapia.....	31
Solutio.....	32
Coagulatio.....	35
Sublimatio.....	38
Mortificatio.....	40
Separatio	41
Coniunctio	42
SIMBOLISMOS DO FOGO	43
CONCLUSÃO.....	49
Auto-Extermínio e Drogadição / Alcoolismo.....	50
Auto-Extermínio e Psicose (Surtos Psicóticos e Maníacos).....	51
Auto-Extermínio por Decepções Amorosas	51
Simbolismo do Fogo, Sacrifício e Tentativas de Suicídio.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

RESUMO

O presente trabalho foi realizado a partir da reflexão do autor sobre as rotinas de trabalho da Equipe de Psicologia atuante na unidade de queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) durante estágio curricular e tem a tentativa de traçar um paralelo entre os simbolismos do fogo e as tentativas de auto-extermínio. Os conceitos principais da psicologia junguiana são apresentados para facilitar o entendimento dos elementos desta abordagem tais como psique, consciência, Ego, inconsciente pessoal e coletivo, os arquétipos (persona, *anima* e animus, sombra e si mesmo). Os processos alquímicos, em especial a calcinatio, também são abordados para mostrar os símbolos que o elemento fogo possui dentro do pensamento alquimista e psicológico. Os significados culturais atribuídos ao fogo também são abordados e relacionados aos diversos rituais que existiram em sociedades primitivas e que ainda existem na sociedade moderna. As rotinas executadas pela Equipe de Psicologia atuante no Hospital Regional da Asa Norte também é parte integrante do trabalho, uma vez que a mesma é necessária para a compreensão de todo o contexto hospitalar que envolve a tentativa de suicídio através do fogo.

INTRODUÇÃO

Um grande número de pessoas é internada na unidade de queimados do Hospital Regional da Asa Norte com lesões dos mais variados tipos e gravidades igualmente diversas. Cada uma possui um histórico para o seu acidente, seus sentimentos e reflexões a respeito do ocorrido. Os históricos que provocam mais comoção em toda a equipe multidisciplinar da unidade são os de tentativa de suicídio (auto-extermínio) através do uso do fogo.

Esse tipo de paciente é um dos mais freqüentes na unidade, e em grande parte dos casos, são pessoas com uma trajetória de vida repleta de sofrimentos, de privações, de abusos e violências cometidas contra o mesmo por parte de terceiros.

O fogo como instrumento de auto-extermínio, em si pode não ser letal. Letais são as complicações advindas das queimaduras (principalmente as infecções) e talvez, por causa da ignorância, as pessoas continuam usando o fogo para abreviarem suas vidas.

Através da anamnese elaborada pela Equipe de Psicologia e da análise da história de vida do paciente, é possível criar uma série de questões relacionadas à tentativa de auto-extermínio e à escolha do elemento fogo. Dessa forma, o autor do trabalho tenta relacionar os simbolismos do fogo com as tentativas de auto-extermínio, usando para tanto, os termos criados por Carl Gustav Jung para a Psicologia Analítica.

CONCEITOS BÁSICOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

PSIQUE

Na psicologia junguiana, a personalidade como um todo é denominada psique. Esta palavra de origem latina significava originalmente “espírito” ou “alma”, mas atualmente vem sendo usada no sentido de mente. De acordo com Hall e Nordby (2000), “a psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos, tanto os conscientes como os inconscientes. Funciona como um guia que regula e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico” (p.25).

Jung mostra, através desse conceito, a sua crença de que, o ser humano é, primordialmente, um todo e não uma reunião de partes que foram acrescentados à medida que as experiências de vida fossem vivenciadas ou o aprendizado fosse concretizado. De modo explícito, Jung rejeita a concepção de algumas abordagens psicológicas que afirmam que a personalidade humana é formada aos poucos, e

somente mais tarde em algum momento de sua existência, ocorreria um tipo de ação organizadora que traria unidade e coerência a todos esses fragmentos. Sobre isso, Hall e Nordby (2000) dizem: “O homem não luta para se tornar um todo: ele já é um todo, ele nasce como um todo” (p.25). A grande missão de todo ser humano é desenvolver esse todo essencial até levá-lo ao mais alto grau possível de coerência, diferenciação e harmonia, velando para que esse mesmo todo não se desenvolva de forma fracionada, favorecendo o surgimento de sistemas separados, autônomos e conflitantes, pois, para Jung uma personalidade dissociada é uma personalidade deformada.

A psique não se resume apenas ao cérebro. É, antes de tudo, um processo em evolução contínua, repleto de energia. Esta energia é gerada a partir da própria tensão criativa entre as polaridades (opostos), que irá resultar na produção dos sonhos, imagens fantasias, enfim, nos símbolos da psique. Sobre a tensão entre os opostos, Grinberg (1997) escreve: “Como se o instinto puxasse para um lado e o espírito empurrasse para o outro. Em meio a toda essa agitação surgem nossos símbolos, que funcionam como verdadeiros transformadores da energia, utilizada para a diferenciação e o crescimento da psique” (p.66).

Para representar a psique, muitas imagens podem ser utilizadas. Freud, por exemplo, utilizou a imagem de um iceberg: a ponta dele seria apenas a porção visível (o consciente) da montanha (inconsciente) que estava sob as águas.

No modelo junguiano, apresentado por Grinberg (1997), a psique seria composta de várias esferas concêntricas. A camada mais superficial representaria a consciência, enquanto as outras, mais internas, seriam os níveis mais profundos do inconsciente, até atingir o centro. Entre essas camadas ou, como diz Grinberg, “sistemas dinâmicos”, haveria uma constante interação e mudança. Esse modelo também é apresentado por Hall e Nordby (2000): “a psique compõe-se de numerosos sistemas e níveis diversificados, porém interatuantes” (p.26).

Na esfera situada na porção externa desse conjunto, representado a consciência, orbita o Ego, que é o seu centro coordenador. Numa esfera intermediária, fica o inconsciente pessoal, constituído dos complexos – o agrupamento de idéias que são dotadas de uma carga emocional que afeta a consciência. Nas esferas mais interiores fica o inconsciente coletivo, constituído dos arquétipos – padrões determinantes dos

comportamentos que regem nossa existência e independem de cultura, de lugar ou de época histórica.

Toda a personalidade, consciente e inconsciente (incluindo o Ego, os complexos e os arquétipos) é regulada pelo Si mesmo, que mantém todas essas estruturas funcionando de forma unida e coerente.

Existem três níveis que podem ser distinguidos na psique: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

CONSCIÊNCIA

A consciência é a única parte da mente que é conhecida diretamente pelo indivíduo. Surge muito cedo na vida: ao observar-se uma criança, pode-se notar uma percepção consciente a operar quando ela reconhece e identifica seus pais, brinquedos e demais objetos que a cercam. De acordo com Hall e Nordby (2000), esta percepção consciente se desenvolve diariamente por força da aplicação das quatro funções mentais, denominadas pensamento, sentimento, sensação e intuição. A criança não usa essas funções em uma mesma proporção. Geralmente, utiliza-se, predominantemente, uma delas. A utilização constante de uma dessas quatro funções é o que diferencia o caráter básico de uma criança do de outra.

Além dessas quatro funções mentais, existem ainda duas atitudes que determinam a orientação da mente consciente. Estas atitudes são a extroversão e a introversão. A atitude extrovertida orienta a consciência para o mundo externo e objetivo. Em contrapartida, a atitude introvertida orienta a consciência para o mundo interno e subjetivo.

O processo pelo qual a consciência de uma pessoa se diferencia ou se individualiza da de outras é conhecido como individuação e a meta desse processo é fazer o indivíduo conhecer-se a si mesmo tão completamente quanto for possível (autoconsciência). A consciência e a individuação caminham lado a lado no desenvolvimento da personalidade, pois o início da consciência é também o início da individuação. Do processo de individuação da consciência, surge um novo elemento, ao qual Jung deu o nome de Ego.

A consciência não é algo fixo e imutável, mas sempre em desenvolvimento. Ela deve ser analisada sempre de maneira relativa, considerando-se o contexto histórico e cultural no qual está inserida.

De acordo com Grinberg (1997), tem-se que:

A consciência forma-se a partir do inconsciente e vai se desenvolvendo progressivamente, de acordo com alguns padrões (arquetipos). Não somente o corpo (com os órgãos, músculos, sistema nervoso e cérebro) evolui, mas também a consciência. Como se ela fosse um 'órgão' invisível que também cresce, desenvolve-se, adocece, necessita de cuidados e transforma-se ao longo de nossas vidas (p.70).

Encontra-se uma opinião semelhante à de Grinberg em Hall e Nordby (2000): “Foi Jung quem rompeu com um determinismo da mente num sentido estritamente ambiental e demonstrou que a evolução e a hereditariedade dão as linhas de ação para a psique, exatamente como fazem para o corpo” (p.31).

EGO

Ego foi o nome dado por Jung à organização da mente consciente. Essa organização se dá por meio de uma composição de percepções conscientes, recordações, pensamentos e sentimentos. Embora ocupe pequena parte da psique total, o Ego desempenha a função básica de vigia da consciência: a menos que o Ego reconheça a presença de uma idéia, de um sentimento, de uma lembrança ou de uma percepção, nada disto pode chegar à consciência.

O Ego é uma estrutura muito seletiva. Hall e Nordby (2000) a comparam a uma destilaria: “muito material psíquico é levado a ele, porem muito pouco sai dele, ou nele atinge o nível da plena consciência” (p.27). Na vida cotidiana, estamos expostos a um grande número de experiências, a maioria das quais não se tornam conscientes porque o Ego as elimina antes que atinjam a consciência. Essa função filtradora é de vital importância, pois, caso contrário, ficaríamos assoberbados pela massa de material acumulado na consciência. É através da seleção e da eliminação de material psíquico que a personalidade consegue manter a sua noção de identidade e continuidade, pois esse processo ajuda a manter uma qualidade contínua de coerência individual.

De acordo com Hall (2003), o Ego tem uma relação muito importante com o Si mesmo: “trata-se de uma realidade paradoxal: num certo sentido, o Ego é o Si mesmo, pelo menos aquela parte do Si mesmo que existe na consciência empírica, que vive e atua no mundo da realidade consensual” (p.54).

Nenhuma imagem, emoção, sentimento ou idéia pode se tornar consciente a menos que esteja associada ao Ego. Não é possível existir consciência sem Ego.

De acordo com a teoria desenvolvida por Jung, o Ego é o fator complexo ao qual estão relacionados todos os conteúdos da consciência, formando o centro da consciência sem ser idêntico a ela. Sendo o ponto de referência central da consciência, o Ego é o sujeito de todas as tentativas de adaptação em nossas vidas, realizadas por meio da vontade, possuindo um importante papel dentro da economia psíquica. O Ego é quem capta, avalia, critica, raciocina, organiza, sente ou intui o significado das várias situações que a vida traz, de acordo com o padrão de funcionamento da consciência no determinado momento em que a percepção é apreendida.

O Ego dispõe de uma certa quantidade de energia. Pela concentração podemos escolher alguns conteúdos e abrir mão de outros, além de canalizar nossa energia para modificar processo reflexos e instintivos (vontade). Assim como a vontade, a memória se inclui na parte psíquica do Ego. Ela se relaciona à aprendizagem e à capacidade de nos conscientizarmos de várias coisas ao mesmo tempo e relacioná-las. Por intermédio dela adquirimos um sentido contínuo e histórico de identidade pessoal. Só podemos existir conscientes de nós mesmos se formos capazes de lembrar o que fizemos ontem e planejarmos o que iremos fazer amanhã.

Isso quer dizer que, para dar um sentido à existência, é necessário estar consciente dela. Por intermédio do Ego, cada um tem a consciência de que existe e o sentimento de ser idêntico a si mesmo. Essa identidade do Ego consigo mesmo é baseada na consciência das percepções do próprio corpo (muitas das percepções corporais só em parte atravessam o campo da consciência. A grande maioria permanece como percepções subliminares ou inconscientes).

O Ego cresce à medida que interage com o inconsciente e o meio ambiente. Nos bebês, o Ego tem, inicialmente, uma atitude passiva. Para Grinberg (1997) “ele surge da colisão entre as necessidades corporais e o meio ambiente” (p.71). Uma vez

estabelecido como sujeito, durante a infância, o Ego vai se desenvolvendo a partir de outros choques entre o mundo interior e o exterior e, aos poucos, começa a ter uma atitude ativa em relação ao meio ambiente.

A estabilidade do Ego é relativa, pois ele está sujeito às influências do inconsciente (uma vez que o Ego é originado a partir do inconsciente): às vezes o Ego pode ser assimilado (ou como diz Grinberg (1997), “possuído”) pelos aspectos inconscientes da personalidade, sendo profundamente alterado por eles. Um exemplo de que maneira isso acontece, é quando sentimos que estamos confusos, com a cabeça “quente”, quando estamos inspirados, com raiva ou apaixonados. Como a estabilidade é relativa, o Ego também pode se defender da assimilação pelo inconsciente e isso acontece quando optamos conscientemente em excluir algo da consciência (supressão). De acordo com Grinberg (1997), quando não queremos pensar em algo que aconteceu (ou que poderia acontecer), acionamos esse mecanismo.

A exclusão de emoções e pensamentos também pode ocorrer de forma inconsciente. Essa “exclusão” é feita por um mecanismo de defesa chamado repressão. O conteúdo reprimido passa a integrar o arquétipo da Sombra.

A função principal da consciência e do Ego é a adaptação à vida, tanto interior quanto exterior. Grinberg (1997) afirma, que “viver tende a se tornar mais fácil à medida que a consciência aumenta e o Ego se estrutura” (p.72). Para que isso ocorra, é necessário que o Ego faça uso de alguns instrumentos, tanto de observação quanto de adaptação, para que possa cumprir as solicitações da vida. Esses instrumentos são as funções psicológicas (explicadas anteriormente). Na prática, como diz Grinberg (1997), “não deixamos de ter problemas em nossas vidas, mas nos tornamos mais aptos para lidar com eles” (p.72).

Outra função do desenvolvimento do Ego e da consciência, além da questão adaptativa ao meio ambiente, seria a de garantir a própria existência, pois, para compreender o ser que há em cada um de nós, é necessário que criemos significados capazes de imprimir um sentido, um rumo a nossas vidas. E essa capacidade de criar significados e dar um sentido à existência é desempenhada pela capacidade de simbolização da consciência do Ego. Sobre essa possibilidade, Grinberg (1997) diz: “A simbolização é a função psicológica responsável por nossa capacidade mental de

representar uma experiência e mantê-la na consciência” (p.73). Para Grinberg, a capacidade de simbolizar é de extrema importância, pois a partir dela é que conseguimos superar as frustrações, problemas e carências existentes no dia a dia.

A utilização dos símbolos também está presente quando desejamos algo muito intensamente ou quando se está apaixonado por alguém. Em geral, antes de partirmos para qualquer tipo de ação a fim de realizarmos o desejo, ficamos sonhando e imaginando o desejo em questão como se ele já estivesse realizado. Para a determinação de uma estratégia qualquer de conquista, às vezes é necessário um certo tempo para a elaboração de fantasias.

Jung (2003), fala sobre a relação existente entre simbolização, união de opostos e individuação:

A união de opostos num nível mais alto da consciência [...] não é uma questão racional e muito menos uma questão de vontade, mas um processo de desenvolvimento psíquico, que se exprime em símbolos. Historicamente, este processo sempre foi representado através de símbolos e ainda hoje o desenvolvimento da personalidade individual é figurado mediante imagens simbólicas (p.29).

De acordo com a teoria junguiana, a finalidade da vida humana poderia ser vista como a própria construção da consciência. Segundo ela, a consciência, portanto, não é simplesmente uma espectadora do mundo, mas participa de sua criação, como se o mundo só pudesse existir ao ser conscientemente refletido.

INCONSCIENTE PESSOAL E INCONSCIENTE COLETIVO

Grinberg (1997) define o inconsciente da seguinte maneira: “Tudo aquilo que não sabemos, e que, portanto, não está relacionado ao Ego como centro do campo da consciência, é denominado inconsciente” (p.80).

O inconsciente comunica-se com a consciência de várias maneiras: por meio dos sonhos, dos mitos, da linguagem poética, da fantasia e das inspirações. Muitas pessoas costumam ter visões e outras sensações sobrenaturais e guiam-se na vida por seus sonhos, por intuições interiores ou pelo contato com a natureza. É o caso, por exemplo, dos curandeiros, místicos, religiosos, caçadores e pescadores.

Os conteúdos que não obtêm a aceitação do Ego não desaparecem (porque nada que foi experimentado deixa de existir). Eles ficam armazenados no que Jung denominou de Inconsciente Pessoal. O inconsciente pessoal é uma espécie de receptáculo que fica contíguo ao Ego e contém todas as atividades psíquicas e percepções que não se harmonizam com a individuação, ou então foram experiências conscientes que passaram a ser reprimidas ou desconsideradas por outros motivos quaisquer. Os conteúdos armazenados no inconsciente pessoal são aqueles que não possuem energia para atingir ou permanecer na consciência.

Os conteúdos do inconsciente pessoal, de uma maneira geral, têm fácil acesso à consciência quando surge tal necessidade. O inconsciente pessoal funciona como um verdadeiro banco de dados. Hall e Nordby (2000) exemplificam o complexo funcionamento desse sistema:

Uma pessoa sabe os nomes de muito amigos e conhecidos. Naturalmente, tais nomes não permanecem todo o tempo presentes na consciência, mas estão à disposição sempre que necessário.[...] Outro exemplo: podemos aprender ou observar uma coisa qualquer que, no momento, tenha para nós um pouco ou nenhum interesse. Anos mais tarde, esta coisa poderá se tornar muito importante e ser chamada do inconsciente pessoal (p.28).

O inconsciente pessoal desempenha um papel muito importante na produção dos sonhos. Experiências que passaram “despercebidas” durante o dia podem aparecer num sonho durante a noite, nesse mesmo dia.

Freud teve o mérito de ter sido o primeiro médico a ver na abordagem do inconsciente uma possibilidade de tratamento das psicopatologias em sua época. Antes dele, na Grécia antiga, os sonhos eram utilizados como diagnóstico e, através deles eram obtidas a cura para várias doenças. Os Templos de Esculápio eram os lugares onde se praticava o chamado *sono de incubação*: a pessoa passava a noite no templo e tinha um sonho que lhe indicava se a doença teria ou não uma evolução positiva. Atualmente, os psicoterapeutas costumam encontrar nos sonhos de seus pacientes elementos que lhes permitem conhecer o mundo interno e indicações relativas ao que eles necessitam para se curar.

Freud descreveu o inconsciente como um epifenômeno da consciência, ou seja, um fenômeno cuja presença (ou ausência) não altera o fenômeno que se toma principalmente em consideração, nesse caso, a consciência. O inconsciente na visão freudiana, seria, de acordo com Grinberg (1997), um “depósito de partes da personalidade que poderiam ter-se tornado conscientes, mas foram reprimidas, ou ainda não tinham alcançado a consciência”.(p.81). Ainda de acordo com essa visão, sob a influência do meio, das experiências e do aprendizado, a personalidade iria gradualmente se formando e a consciência e o Ego se desenvolvendo e aquilo que, de alguma forma, não fosse compatível com os padrões morais da sociedade seria excluído por meio da repressão ou por atuação de outros mecanismos de defesa¹.

Jung foi além desses aspectos, que, segundo ele, formariam o nível pessoal do inconsciente e identificou um outro nível mais profundo no inconsciente: o inconsciente coletivo. Em Grinberg (1997), encontra-se:

Já nascemos com um potencial: somos dotados, desde o nascimento, de um repertório de padrões de comportamentos – os arquétipos – que irão depender de estímulos adequados do meio ambiente para se desenvolver. Potencialmente, toda a personalidade já está presente no nascimento, como um projeto (p.82).

Além de conter desejos, memórias e instintos reprimidos, o inconsciente está sempre agrupando e reagrupando símbolos e imagens, produzindo sem cessar sonhos e fantasias, funcionando como uma matriz autônoma criadora da vida psíquica normal. O inconsciente está sempre ativo, sendo a própria fonte da energia psíquica de onde fluem os elementos psíquicos, e não apenas seu reservatório. De maneira parcial podemos diminuir o alcance de sua influência através de mecanismos de defesa.

Nosso inconsciente é povoado por várias figuras de santos, heróis, Césares, Napoleões, animais, criaturas sensacionais e demônios terríveis.

¹ Formariam o inconsciente, de acordo com Grinberg (1997): tudo aquilo que é conhecido, mas sobre o que não se pensa no momento; tudo aquilo que é esquecido; tudo o que os sentidos captam, mas não é registrado pela consciência (percepções subliminares); situações menosprezadas durante o dia, conclusões que erradas em sua formulação diante de algum assunto, críticas ou comentários pejorativos que não foram feitos; tudo o que involuntariamente é sentido, percebido, pensado, lembrado, desejado e feito; idéias dolorosas reprimidas e afetos não permitidos e conteúdos que ainda não estão prontos, ‘maduros’.

Uma característica muito interessante e relevante do inconsciente pessoal é a possibilidade de reunião de conteúdos para formar um aglomerado ou constelação. Esse aglomerado tem um nome de complexo. Jung os descobriu através do método de associação de palavras, método este descrito em Conger (1993):

Era lida para o paciente uma relação de palavras comuns e ele era solicitado a responder espontaneamente, sem refletir. As respostas eram medidas em termos do tempo de reação e estipulava-se o tempo médio de tal modo que as variações em torno da média poderiam ser observadas (p.65).

Observou-se que, muitas vezes, a pessoa inquirida levava muito tempo para responder. Quando questionada a respeito da demora, a pessoa não conseguia explicitar uma razão. Jung supôs que talvez a demora para responder fosse provocada por alguma emoção inconsciente que inibia a resposta. Aprofundando seus estudos sobre a associação de palavras, Jung constatou a existência de grupos de sentimentos, memórias e pensamentos no inconsciente e que, qualquer palavra que atingisse esses grupos poderia ser a causa da inibição da resposta. Estudos posteriores mostraram que os complexos são pequenas personalidades separadas na personalidade total. A respeito dos complexos, Hall e Nordby (2000), escrevem: “Os complexos são autônomos, possuem força propulsora própria e podem atuar de modo intenso no controle de nossos pensamentos e comportamentos” (p.29).

A mente, por intermédio do seu correspondente físico, o cérebro, herda as características que determinam de que maneira uma pessoa reagirá às experiências de vida, chegando até a determinar que tipo de experiências terá. A mente do homem é pré-configurada pela evolução. Desta maneira, o indivíduo está preso ao passado, não somente ao passado de sua infância, mas também, o que é mais importante, ao passado da espécie, e, antes disso, à longa cadeia da evolução orgânica.

O inconsciente coletivo, para Hall e Nordby (2000) é a “parte da psique que se pode distinguir do inconsciente pessoal. O inconsciente pessoal compõe-se de conteúdos que foram em certo momento conscientes, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo jamais o foram no período de vida de um indivíduo” (p.31).

O inconsciente coletivo é uma espécie de reservatório de imagens latentes, denominadas de *imagens primordiais*. Primordial significa “primeiro”, “original” e,

por conseguinte, as imagens primordiais estão relacionadas ao início do desenvolvimento da psique mais primitiva. São originárias do passado ancestral de todos os seres humanos, bem como dos antecessores pré-humanos ou animais². Hall e Nordby (2000) oferecem um exemplo de como as imagens primordiais ficariam armazenadas no inconsciente coletivo:

Consideremos, por exemplo, o medo que temos das serpentes ou do escuro. Não lhe foi preciso aprender estes medos através de experiências com serpentes ou com a escuridão, muito embora tais experiências possam reforçar-lhe ou reafirmar-lhe as predisposições. Herdamos as predisposições de temer a serpentes e a escuridão porque nossos ancestrais experimentaram tais medos ao longo de um sem-número de gerações. Estes medos ficaram-lhes gravados no cérebro (p.32).

O inconsciente coletivo é uma estrutura que está em constante evolução e ela pode ser justificada como se explica a evolução do corpo. Hall e Nordby (2000) acreditam que, sendo o cérebro o principal órgão da mente, a evolução do inconsciente coletivo é diretamente proporcional a evolução do mesmo.

Jung (1924), *apud* Grinberg (1997) fala sobre o inconsciente coletivo:

Lado a lado com as fontes pessoais, a fantasia criativa também desenterra a mente primitiva com suas imagens, encontradas nas mitologias de todas as épocas e de todos os povos. A totalidade dessas imagens constitui o inconsciente coletivo, uma herança potencialmente presente em todos os indivíduos. Trata-se do correlato psíquico da diferenciação do cérebro humano (p.135).

O ser humano nasce com muitas predisposições para pensar, agir, sentir e perceber de maneira muito específicas. E sobre o desenvolvimento e a expressão de tais predisposições (ou imagens) latentes dependem exclusivamente das experiências vividas. Conforme Hall e Nordby (2000), “um medo qualquer pode se desenvolver com facilidade quando a predisposição para senti-lo já se encontra no inconsciente coletivo” (p.33).

² Hall e Nordby (2000), a respeito das imagens primordiais, dizem: “são antes predisposições ou potencialidades no experimentar e no responder ao mundo tal como os antepassados” (p.32).

ARQUÉTIPOS

A partir de suas pesquisas e dos relatos de seus pacientes, Jung começou a perceber que além das memórias e de fantasias pessoais, existiam outros tipos de conteúdos que eram provenientes (possivelmente) da mitologia e da imaginação humana no mundo inteiro. Ele chegou a essa conclusão ao observar os sonhos e visões de um de seus pacientes (que havia cursado o que seria correspondente ao ensino fundamental), que relatava enxergar um *fálus* ereto no sol. Esse paciente relatava ainda que, ao mover sua cabeça de um lado para o outro, o *fálus* se movia também e dessa forma, produzia vento. Pesquisando em manuscritos antigos (que ainda não haviam sido traduzidos para sua língua) alguns anos mais tarde, Jung encontrou um antigo texto sobre o mitraísmo³ que descrevia, de modo exato, os sonhos e as visões de seu antigo paciente. Essa descoberta fez com Jung aprofundasse seus estudos e criasse a sua teoria para o inconsciente coletivo.

Jung criou o termo arquétipo para designar as estruturas inatas em cada indivíduo que são capazes de formar idéias mitológicas. Grinberg (1997) diz que o mundo arquetípico é o “mundo invisível dos espíritos, dos deuses, demônios, vampiros, duendes, heróis, assassinos e todos os personagens de épocas passadas da humanidade sobre os quais foi depositada forte carga de afetividade” (p.134).

Os arquétipos são conceitos vazios. São formas universais coletivas, básicas e típicas da vivência de determinadas experiências recorrentes, que expressam a capacidade criativa única e autônoma da psique⁴. Conforme Von Franz (1992), *apud* Grinberg (1997), os arquétipos “seriam como núcleos ativados [...], cuja função seria organizar representações simbólicas em determinados padrões de comportamento”. É necessário ressaltar que o arquétipo não é uma experiência que se herda, mas o potencial de repetição dessa experiência e se tornam símbolos a medida em que se revestem das experiências pessoais, tanto as conscientes como as inconscientes.

Os arquétipos não apenas dão forma para a energia psíquica como também possibilitam e organizam sua manifestação produzindo significados simbólicos que

³ Antigo culto pagão da Era Helenística (aproximadamente de I a.C.) que cultuava o Sol e que possuía muitas semelhanças com o cristianismo. Concorria com este na busca de fiéis.

⁴ Em Grinberg (1997), encontra-se que todos os instintos e formas básicas de pensamento e sentimento, tudo aquilo que é considerado como universal (por exemplo, a imagem de Deus) e também os conceitos que pertencem ao senso comum são considerados conteúdos coletivos.

unem a percepção sensorial externa às vivências internas, dessa forma liberando a energia psíquica e norteados nossos atos de acordo com esse significado.

Conforme Grinberg (1997), como tudo o que existe na psique, o arquétipo é uma estrutura bipolar que abarca as dimensões biológicas e espirituais. Dessa forma, as imagens primordiais podem ser, metaforicamente falando, comparadas a conceitos intuitivos dos fenômenos físicos.

Os arquétipos não são conceitos com valor apenas teórico. Eles ganham vida nas experiências concretas se manifestando através das emoções particulares: os sonhos, fantasias, nas projeções feitas, nos complexos, nos rituais diários. Conforme Grinberg (1997), toda vez que um arquétipo surge (seja num sonho, numa fantasia ou mesmo na vida diária), ele traz consigo um poder de influência (chamado de numinosidade ou fascinação). Esse efeito numinoso é, justamente, a tonalidade emocional que faz com que o indivíduo aja como se estivesse possuído por “um instinto ou demônio desenfreado” (Grinberg, 1997, p.138). Segundo Jung (1986), “o arquétipo [...] tem efeito numinoso, isto é, o sujeito é impelido por ele como pelo instinto, e este pode ser limitado e até subjugado por esta força, sendo supérfluo apresentar provas para isto” (p.145).

A energia de um arquétipo (quando este está ativado) atrai para si conteúdos da consciência, acumulando as idéias, experiências e emoções que compõem o complexo pessoal (todo complexo tem como núcleo um arquétipo). Atuando como centro de um complexo e tendo agrupado energia suficiente, um arquétipo pode alcançar a consciência e a partir daí, influenciar os comportamentos do indivíduo.

Embora constituam no inconsciente coletivo estruturas separadas, os arquétipos podem formar combinações. De acordo com Hall e Nordby (2000), a combinação entre arquétipos passa a ser um outro fator que também passa a colaborar para a formação dos diversos tipos de personalidades existentes.

Um arquétipo pode ser ativado em um indivíduo quando este se vê em uma situação ou próximo de uma pessoa que apresente similaridade com ele. Grinberg (1997) apresenta um exemplo de ativação de complexo:

Por exemplo, a mãe ou a pessoa que estiver cuidando de uma criança pequena ou amamentando-a tem uma conduta própria do arquétipo da Grande Mãe. Esta é a

configuração da maternidade, ou seja, representa a maneira típica como as experiências da maternidade foram acumuladas na psique humana desde tempos imemoriais. Como foi dito, essa representação universal reveste-se de peculiaridades próprias da cultura, tempo e lugar em que o arquétipo se manifesta (p.139).

Quando atuam de forma positiva, os arquétipos fornecem criatividade, sendo fonte de inspiração humana nas artes e nas ciências, dando formas às idéias e imagens características de um determinado momento cultural. Como foi dito anteriormente, os arquétipos são bipolares e, quando atuam de maneira negativa manifestam-se como rigidez, fanatismo e possessão. Se o Ego do indivíduo não for capaz de integrar e reconhecer o arquétipo, este formará um complexo que será projetado e o “inimigo” será sempre visto nos outros. Um exemplo muito claro sobre a possessão arquetípica é encontrado nas psicoses agudas: os arquétipos invadem a consciência e tomam o lugar do Ego, fazendo com que o indivíduo passe a se sentir o salvador do mundo, que se comunica com seres de outros planetas, ou que sintam-se ameaçado por forças do mal, monstros ou demônios.

PERSONA

A palavra *persona* vem do grego e representava, originalmente, a máscara usada pelos atores para indicar o papel que representavam. Na psicologia junguiana o arquétipo da *persona* também tem uma função semelhante, “dá ao indivíduo a possibilidade de compor uma personagem que necessariamente não é ele mesmo” (Hall e Nordby, 2000, p.36).

Do mesmo modo que o indivíduo não é um ser único e separado, pois é um ser social, a psique não poderia ser um sistema fechado e individual. A personalidade consciente seria um segmento da psique coletiva, dividindo uma dezena de atributos coletivos vivenciados como pertences pessoais, tais como nome, títulos, nível socioeconômico, *status* e outras características pessoais. O arquétipo da *persona* pode ser a fonte de inúmeras realizações pessoais e é a base da vida social e comunitária.

Hall e Nordby (2000) definem a *persona* como “a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite” (p.36). Grinberg (1997) demonstra uma opinião semelhante:

“como máscara, o arquétipo da *persona* diz respeito principalmente ao que é esperado socialmente de uma pessoa e à maneira como ela acredita que deva parecer ser. Trata-se de um compromisso entre o indivíduo e a sociedade” (p.142). A *persona* é imprescindível para a sobrevivência, pois ela torna os indivíduos capazes de conviver com as pessoas (inclusive com aquelas que são desagradáveis) de maneira amistosa⁵.

A *persona* tem a importante função de anunciar aos outros como tal pessoa deseja ser vista. Muitas vezes, o sucesso da adaptação social vai depender da *persona* adequada. Há sempre algo de individual na escolha e no delineamento da *persona*: a maneira como se veste e como se movimenta, a postura corporal e tudo o que é feito e é voltado para o exterior. “Ao mesmo tempo em que nos vestimos como os demais nos assegura um lugar em um determinado grupo, a criatividade ligada a pequenas nuances e variações fornece um significado pessoal e expressa nossa marca registrada” (Grinberg, 1997, p.143). Conforme Hall (2003), “um Ego forte relaciona-se com o mundo exterior através de uma *persona* flexível” (p.218).

A *persona* pode encobrir nossa verdadeira natureza e esconder as características que não costumam ser aceitas e que tendem a ser rejeitadas⁶. A medida em que as deficiências pessoais são compensadas pela máscara e funcionando de modo a criar uma falsa imagem, encontra-se um problema, pois, o indivíduo coagula-se no “personagem” criado e de forma neurótica, apega-se a ele para não ter que lidar com suas próprias dificuldades.

ANIMA E ANIMUS

Biologicamente, características do homem estão presentes no corpo feminino e vice-versa. Jung acreditou que esse tipo de fenômeno também ocorreria em um nível psicológico⁷: o arquétipo da *Anima* (Eros) corresponde ao princípio feminino e inconsciente que existe na psique de todo homem e o arquétipo do *Animus* (Logos)⁸ é

⁵ Uma vantagem proporcionada pela *persona* é que as recompensas materiais obtidas podem ser utilizadas para levar uma vida privada mais natural.

⁶ Muitas pessoas possuem vidas duplas: uma que é dominada pela *persona* e uma segunda que satisfaz as demais necessidades psíquicas.

⁷ Da mesma maneira que a *persona*, os arquétipos *anima* e *animus* têm uma grande importância no aspecto social dos indivíduos pois, atuam no relacionamento com o mundo afetivo exterior.

⁸ Eros significa entrelaçamento, relacionamento. Logos significa discriminação e desapego.

o princípio masculino e inconsciente que existe na psique feminina. Conforme Hall e Nordby (2000), a convivência e a interação entre os sexos durante milhares de gerações fez com que cada um deles adquirissem respostas para facilitar o relacionamento, aumentando a mútua compreensão.

Para que a personalidade seja bem ajustada e harmoniosamente equilibrada, o lado feminino da personalidade do homem e o lado masculino da personalidade da mulher devem expressar-se na consciência e manifestados em seus comportamentos.

Como princípio do feminino existente no inconsciente do homem, Jung (2003) define a *anima* como a soma de todas as experiências que o homem teve relacionando-se com o sexo feminino ao longo de séculos. Grinberg (1997) afirma que, como toda imagem inconsciente, a *anima* será projetada, inicialmente, na primeira mulher (ou figura materna) que se conhece na vida: a mãe⁹. Com o passar do tempo, essa projeção será feita a outras mulheres: irmãs, professoras, atrizes, cantoras, namoradas e esposas.

Como em toda projeção há um certo nível de exagero, “existe uma desproporção entre a mulher amada, como ela é, de fato, e a fantasia criada pela *anima*” (Grinberg, 1997, p.151). Fatalmente, nesse caso haverá decepção em um relacionamento, principalmente se o homem não conseguiu retirar sua projeção da *anima* de seu primeiro objeto, ou seja, de sua mãe. Nesse caso, conforme Grinberg (1997) ilustra, o homem vai desejar repetir com sua namorada ou esposa o relacionamento infantil que esperava ter possuído com a mãe. Essa situação, em que o homem espera ser cuidado maternalmente pela companheira, entende-se como complexo materno.

Como o que ocorre a todos os arquétipos, a *anima* possui um lado positivo e outro negativo. Grinberg (1997) mostra que, a manifestação negativa do arquétipo *anima* torna o homem exageradamente vaidoso faz com que ele tenha alterações constantes de humor, excessivamente sensível, melancólico e seja emocionalmente instável. A vivência positiva da *anima* torna o homem uma pessoa criativa, faz com que ele se expresse a sua sensibilidade, ternura, paciência e sensualidade.

Com as mulheres ocorre a projeção do *animus*. O primeiro a receber essa projeção é o pai (ou outra figura paterna). Conforme vai crescendo, a menina transfere a

⁹ Ou em alguém do sexo feminino que desempenhe este papel.

projeção para os outros homens de seu convívio: o irmão, tio, professor, cantores, atores ou até Deus. Nos contos de fadas, o animus costuma ser representado pelas figuras dos príncipes e de suas variações, como os sapos enfeitados que, quando beijados pela princesa, transformam-se em belos príncipes.

A manifestação negativa do arquétipo *animus* faz com que a mulher seja rígida e autoritária em suas opiniões (manifesta julgamentos preconceituosos), dogmática, rígida e tenha comportamentos agressivos. Uma vivência positiva do arquétipo desempenha um importante papel no desenvolvimento da criatividade, além de conferir à personalidade a sensação de autoconfiança e força intelectual.

Jung (2003) definiu a *anima* e *animus* como personificações do inconsciente que têm como função conectar o consciente com o inconsciente de forma a criar uma relação dialética entre eles. Os arquétipos da *anima* e do *animus*, juntos, representam a união ou a *coniunctio* conjugal.

Atualmente, as características positivas da *anima* e do *animus* encontram-se subdesenvolvidas e uma das razões para isso acontecer decorre do fato de a sociedade valorizar a conformidade e dessa maneira, pune a estimulação da feminilidade nos homens e a masculinidade nas mulheres: espera-se que os meninos e meninas se encaixem em um papel culturalmente específico (meninos não podem chorar e meninas não podem brigar, entre outros), fazendo com que a *persona* sufoque a *anima* e o *animus*.

SOMBRA

A sombra é um dos arquétipos que mais influenciam o Ego, pois seus conteúdos estão privados da luz da consciência. Uma vez que esses conteúdos já fizeram parte da consciência, o Ego, de forma inconsciente, percebe que está em “débito” com esses aspectos que foram negligenciados. Por isso, negligenciar a sombra existente em nós mesmos traz sentimentos de culpa. De acordo com Hall (2003) define sombra como “uma parte inconsciente da personalidade caracterizada por traços e atitudes, negativos ou positivos, que o Ego consciente tende a ignorar ou a rejeitar” (p.219).

A sombra contém uma maior quantidade da natureza animal do que qualquer outro arquétipo. Hall e Nordby (2000) afirmam que como a sombra está

profundamente enraizada nas origens pré-históricas e evolutivas do ser humano, provavelmente é o arquétipo que apresenta, potencialmente, mais perigo se vivido de maneira negativa. De acordo com Jung (1994), pessoas com predisposição a desenvolver patologias mentais podem encontrar problemas ao trazerem à tona os conteúdos da sombra, pois estes não se diferenciam, inicialmente, do conteúdo existente no inconsciente coletivo e algumas vezes esses conteúdos podem apresentar-se de forma grotesca e horripilante.

Segundo Grinberg (1997), a maior dificuldade encontrada para se lidar com o arquétipo da sombra é a de, em primeiro lugar, acreditar seriamente que as características que não estão bem desenvolvidas (fraquezas) existem e, em segundo lugar, aceitá-las.

Em geral, existe a tendência de esconder e de afastar (de nós mesmos e dos outros) aquilo que não é culturalmente aceito: os sentimentos de poder, idéias cruéis, impulsos e ações condenáveis, as fraquezas, a inveja, ciúme, desamparo, impotência, ambição e a culpa.

De forma geral, as qualidades da sombra desenvolvem-se opondo-se às da *persona*, com a qual mantém uma relação compensatória¹⁰. Para que o indivíduo possa viver em sociedade, será necessário domar os ímpetos animais contidos na sombra e para que isso ocorra, é necessário desenvolver uma *persona* consistente que filtre a energia da sombra.

Nem sempre a sombra apresenta traços negativos da personalidade. Muitas vezes aspectos positivos que foram reprimidos durante a história de vida do indivíduo fazem parte do conteúdo do arquétipo. A sombra contém os instintos básicos e é fonte de intuições realistas e de respostas adequadas, importantes para a sobrevivência. Conforme Hall e Nordby (2000), “a sombra é um arquétipo importante e valioso, porque tem a capacidade de reter e afirmar idéias ou imagens que podem vir ser vantajosas para o indivíduo” (p.41).

Vários são os recursos que o Ego utiliza para não se confrontar com a sombra e assim manter os conteúdos do arquétipo dissociados da consciência. Esses recursos

¹⁰ Nos sonhos, a sombra costuma surgir personificada em figuras dotadas de atributos negativos ou de sinistras características, opostas às socialmente aceitas. Os monstros, animais ou forças destrutivas podem ser representações da sombra.

são: projeção, a negação e a repressão¹¹. A projeção é o mecanismo através do qual os conteúdos inconscientes (sentimentos, frustrações, desejos) do sujeito são transferidos para os objetos do mundo exterior. A negação é a tentativa de não aceitar de forma consciente, algum fato ou característica que perturbe o Ego. O mecanismo da repressão expulsa da consciência aquilo que não lhe convém, mantendo os conteúdos excluídos no inconsciente. Sobre a projeção, Jung (1994) escreve: “[...] sombra, essa metade obscura da alma da qual nos livramos invariavelmente através de projeções, ora carregando o próximo [...] de todos os vícios que são nossos, ora transferindo os próprios pecados para um mediador divino” (p.40).

Manter os conteúdos indesejados afastados da consciência demanda esforço e energia do Ego, e aos poucos, essas estratégias defensivas começam a falhar. Conseqüentemente, surgem os sentimentos de culpa, ansiedade, depressão e algumas pessoas mostram sinais corporais de somatização.

Grinberg (1997) afirma que uma das fases essenciais na terapia junguiana é a do encontro com a sombra. Conforme Jung (1994) “o confronto com a metade obscura da personalidade, com a ‘sombra’, produz-se por si só em toda terapia mais ou menos profunda” (p.41). Por meio desse encontro é possível analisar os complexos (e integrá-los), retirar as projeções dos objetos e restituir a energia do Ego. Isso é possível porque é na sombra que estão as características necessárias para o desenvolvimento de uma personalidade sadia. Hall (2003) afirma que assimilar de forma consciente a sombra, resultará (quase sempre) em aumento de energia para o Ego.

SI MESMO

De acordo com Hall (2003), Si mesmo¹² é “o arquétipo da totalidade e o centro regulador da personalidade. É vivenciado como um poder transpessoal que transcende o Ego, por exemplo, Deus” (Hall, 2003 p.219). O Si mesmo é o arquétipo da ordem. Diz-se isso, pois sua função é organizar e harmonizar os demais arquétipos e suas atuações nos complexos e na consciência, caracterizando a individualidade de cada pessoa, buscando sua melhor adaptação possível nas diversas fases de

¹¹ Esses mecanismos são usados de forma inconsciente pelo Ego.

¹² Alguns autores utilizam o termo *self* para o arquétipo do Si mesmo.

desenvolvimento ao longo da vida e trazendo à personalidade total um senso de unidade e firmeza.

De acordo com a teoria junguiana, a meta final de toda e qualquer pessoa é a auto-realização e o autoconhecimento¹³. Atingir o estado de auto-realização depende em grande parte da cooperação do Ego, pois é necessário que este observe e valorize as mensagens vindas do arquétipo do Si mesmo. A compreensão entre esse par de opostos (consciente e inconsciente) é fundamental para que se processe o efeito de individuação da personalidade.

Uma forma de obter o autoconhecimento é através das experiências verdadeiramente religiosas. Hall e Nordby (2000) falam que o homem oriental percebe o Si mesmo de modo mais rápido do que o ocidental porque as práticas religiosas¹⁴ e meditativas (como a ioga) orientais capacitam esses indivíduos a compreenderem o Si mesmo mais facilmente.

O arquétipo do Si mesmo, conforme observação de Jung, só se torna evidente na maturidade visto que a personalidade precisa estar plenamente desenvolvida para que o Si mesmo possa manifestar-se de modo mais ou menos completo.

Nos sonhos, o Si mesmo pode aparecer personificado em figuras das quais emana sabedoria e superioridade, como deuses e deusas e a figura do Velho Sábio. Pode-se ainda, expressar-se por meio de figuras quaternárias como o quadrado, a cruz e o próprio número quatro (as quatro estações do ano, os quatro pontos cardeais) bem como símbolos que exprimem a totalidade: o círculo ou a mandala.

ALQUIMIA

Jung, após ouvir de sua paciente um relato de um sonho, e tempos depois, ao fazer uma pesquisa de gravuras referentes à alquimia, deparou-se com uma muito semelhante à imagem trazida por uma paciente. Daí em diante, começou a sua pesquisa nos livros e tratados de alquimia. Decifrados os textos herméticos, Jung constatou que, a grande *opus* alquímica descrita pelos alquimistas se assemelhava muito ao seu conceito de individuação. A imagem central da alquimia é a *opus*.

¹³ Individuação.

¹⁴ Jung refere-se a religião como sendo uma ferramenta para o desenvolvimento do espírito e não de fenômenos sobrenaturais.

Silveira (2001) enfatiza que foram os místicos (indivíduos que estavam atentos às experiências religiosas ocorridas internamente) os primeiros a interpretar os enigmas e as alegorias simbólicas existentes nos textos alquímicos. Eles sempre entenderam que o verdadeiro laboratório alquímico é o ser humano. O homem natural seria a contrapartida simbólica de *metal vil* e o objetivo da alquimia era transformar esse metal vil em ouro (novo homem), um metal puro por excelência.

Jung (1994) acreditava que os alquimistas projetavam conteúdos inconscientes nos materiais manipulados. Essas projeções pareciam, aos olhos dos alquimistas, como propriedades dos próprios materiais trabalhados. Em suma, os alquimistas experienciavam o próprio inconsciente em seus laboratórios. Isso explicaria as semelhanças entre a *opus alquímica* e o processo de individuação. Silveira (2001) afirma que as etapas dos processos são muito semelhantes:

- Na busca pela pedra filosofal, a primeira etapa do trabalho alquímico é a *nigredo* (quando a matéria está no estado de massa confusa¹⁵, disforme). Psicologicamente falando, seria a fase onde o Ego encontra-se com a sombra.
- Após submeter a *nigredo* as diversas operações alquímicas (dissolução, coagulação, etc), a massa confusa se transforma em albedo e inicia-se então a segunda etapa.
- A segunda etapa da *opus* é regida pela Lua. Simbolicamente, a Lua significa o princípio feminino. Psicologicamente, o adepto estaria em condições de entrar em contato com a *anima*. Em seguida, expondo a *albedo* a um aquecimento intenso surgiria a *rubedo*.

Dessa maneira, surgiria dessa fusão a pedra filosofal. O fogo (ou Sol) simbolicamente seria o princípio masculino. E a união do Sol com a Lua seria a integração dos extremos opostos na personalidade. “O alquimista teria realizado a totalização psíquica, ou seja, a individuação. A *pedra* é homologa do *self*” (Silveira, 2001, p.122).

A física moderna reconhece o problema das projeções psíquicas na investigação científica, e atualmente é consenso que cada vez mais, é impossível separar inteiramente observador e coisa observada. No caso dos alquimistas, eles desconheciam por completo a

¹⁵ A matéria em seu estado inicial, a *prima materia*.

constituição da matéria e por isso, tanto mais facilmente a mesma se tornou espelho da psique do investigador.

ALQUIMIA E PSICOTERAPIA

O que torna a alquimia tão valiosa para a psicoterapia é o fato de suas imagens concretizarem as experiências de transformação pelas quais se passa durante o processo terapêutico. E o que é ainda mais interessante para o psicólogo, é que os símbolos alquímicos originam-se no inconsciente e são reencontrados nos sonhos e imaginação do ser humano de todas as épocas. Ela é um tesouro de analogias que personificam ou encarnam a psique objetiva e os processos por que ela passa no curso do desenvolvimento. E o mesmo se aplica à religião e à mitologia.

O termo *prima materia* foi um termo criado pelos filósofos pré-socráticos. Esses filósofos estavam ligados a uma idéia *a priori* sobre a origem das coisas no mundo e de acordo com Edinger (1999) “uma imagem arquetípica que lhes dizia que o mundo é gerado de uma matéria única original, a chamada primeira matéria”.

Os filósofos acreditavam, também, que a primeira matéria passara por uma espécie de processo de diferenciação e fora decomposta nos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Para formar todos os objetos físicos existentes no mundo, esses quatro elementos combinaram-se em diferentes proporções. Dessa forma, impôs-se sobre a *prima materia* uma estrutura quádrupla.

Roob (2001) afirma que de acordo com as leis de Pitágoras, “o espectro de todas as coisas terrenas está associada ao número quatro”. O quinto elemento, chamado de *quintessência*, se encontraria apenas na esfera divina. O objetivo dos alquimistas era, pois, trazer a quintessência para a terra através das diversas e repetidas transmutações que o seu trabalho implicava. O alquimista via-se como alguém comprometido com um trabalho sagrado: a busca do valor supremo e essencial.

Aristóteles elaborou o conceito de *prima materia* relacionado a sua distinção entre matéria e forma: a matéria elementar (antes de moldar-se ou ter uma forma imposta sobre si) é pura potencialidade. Os alquimistas pensavam como Aristóteles e utilizavam seu conceito na alquimia: para transformar uma substância, antes de qualquer procedimento era preciso fazê-la retornar ao seu estado indiferenciado original.

Edinger (1999) afirma que ocorre o mesmo durante o processo psicoterapêutico: “a forma que atualiza a personalidade ora existente está sendo dissolvida e levada de volta à primeira matéria, o estado informe de pura potencialidade, para que uma nova forma ou atualidade surja” (p.30).

PROCESSOS ALQUÍMICOS

CALCINATIO

O processo alquímico da *calcinitio* compreende o aquecimento intenso de um sólido e tem por objetivo a retirada da água e todos os demais elementos passíveis de evaporação¹⁶. O resultado desse processo é um fino pó seco. O fogo, para Jung, simboliza a libido. Edinger (1999), a respeito das qualidades do fogo da *calcinitio*, diz que “é um fogo purgador, embranquecedor. Atua sobre a matéria negra, a *nigredo*, tornando-a branca” (p.45).

A *calcinitio*, igualmente a todos os processos alquímicos, possui sua contrapartida psicológica: ela representa a restauração dos níveis de energia psíquica e oportunidade da transformação da consciência objetiva (Ego), permitindo que a mesma se desenvolva. A *calcinitio* ocorre pelo fato do Ego querer tornar-se o centro da consciência. Em resposta a tentativa de ser o centro, surge o Si-Mesmo, frustrando esse desejo do Ego.

O fenômeno psicológico da *calcinitio* opera da seguinte maneira: um desejo carregado de energia emerge do inconsciente (esse desejo exige ser satisfeito imediatamente), fazendo com que a energia do Ego seja reduzida. Desestruturado com a perda de energia, o Ego fica mais propenso a ceder aos desejos vindos do inconsciente. Se ocorrer de o Ego sucumbir aos desejos inconscientes, surge, então, o arquétipo do Si-Mesmo para frustrar a tentativa do Ego de ser o centro da psique. A energia usada para esse “combate” entre as estruturas tem o simbolismo do fogo, que “queimará” e secará a energia inconsciente do desejo emergente.

O resultado do processo é a restauração do equilíbrio entre as estruturas (eixo Ego – Si-Mesmo) e a transformação da consciência objetiva (que pode voltar a ser o que era antes de ser assolada pelo desejo, ou ressurgir de maneira mais refinada e evoluída).

¹⁶ Edinger (1999): “O processo alquímico da calcinação envolve o intenso aquecimento de um sólido, destinado a retirar dele a água e todos os demais elementos passíveis de volatilização” (p. 37).

Os desejos que emergem do inconsciente são, na maior parte das vezes, desejos de poder e de prazer, e eles são modificados pela relação do Ego com a consciência objetiva.

O processo da *calcinatio* ocorre no lado primitivo da sombra, local esse habitado pelos desejos instintivos que estão contaminados pelo inconsciente. O fogo (libido) desse processo é originado pela frustração (por parte do Si-Mesmo) desses desejos. A provação existente na frustração é um aspecto característico do processo de individuação.

A experiência arquetípica da *calcinatio* na psique tem o efeito de imunizar o Ego contra uma futura identificação com o afeto¹⁷, graças ao fato de ampliar e aprofundar a consciência do Ego. Pode ser que as probabilidades de identificação com as reações emocionais pessoais e com as reações dos outros diminua. É importante ressaltar que um Ego fraco é mais vulnerável ao ser consumido pelo encontro com um afeto muito intenso.

A imagem do purgatório simboliza a redenção (aqueles que crêem em Cristo terão seus pecados queimados pelo fogo do purgatório e subirão aos céus) e a imagem do inferno simboliza o castigo eterno (o fogo queimará os pecadores, castigando os que não crêem em Cristo). O desenvolvimento psicológico sadio se dá pela frustração dos desejos de poder e prazer do Ego, desde que a pessoa tenha uma “boa relação” com o Si-Mesmo (Cristo).

Orígenes (1966), *apud* Edinger (1999) escreve o seguinte a respeito do fogo da *calcinatio*, comparando-o ao fogo das paixões terrenas:

Vejamos agora qual o significado do temido ‘fogo eterno’. Ora, diz o profeta Isaías que o fogo pelo qual cada homem é punido pertence a ele mesmo. Pois, diz ele: ‘Andai no lume do vosso fogo e por entre as labaredas que ateastes’ (Isaías, 50:11.).

Estas palavras parecem indicar que cada pecador ateia ele mesmo seu próprio fogo, não sendo atirado a um fogo que alguém ateou previamente ou que existia antes dele. Desse fogo, o alimento e o material são nossos pecados, chamados pelo apóstolo Paulo de madeira, feno e palha [...] na própria essência da alma, aqueles mesmos desejos daninhos que nos levam ao pecado produzem certos tormentos.

Considera o efeito das faltas da paixão que com frequência acometem os homens, como ocorre ao ser a alma consumida pela chamas do amor, atormentada pelo fogo do ciúme ou da inveja, tomada pela raiva furiosa ou consumida pela intensa melancolia,

¹⁷ Uma imagem simbólica representante dessa imunidade é a da invulnerabilidade ao fogo que as salamandras possuem.

lembrando como alguns homens, por considerarem o excesso desses males um peso demasiado para ser suportado, julgaram mais tolerável submeter-se à morte do que arcar com essas torturas (p.48).

Em toda parte, associa-se o fogo a Deus, sendo ele, por conseguinte, representante das energias arquetípicas que transcendem o Ego e são experimentadas como numinosas.

O batismo de sangue, assim como o encontro com o fogo, refere-se psicologicamente à provação de suportar um afeto intenso. Se o Ego se mantém intacto, a provação tem um efeito purificador e consolidador.

CALCINATIO, SECAGEM E PSICOTERAPIA

Do ponto de vista mais simples, a *calcinatio* é um processo de secagem. Sobre isso, Edinger (1999), escreve: “Um importante componente da psicoterapia envolve a secagem de complexos inconscientes que vivem na água” (p.61). O fogo ou a intensidade emocional necessária para esta operação parece residir no próprio complexo, tornando-se atuante tão logo o paciente tenta tornar o complexo consciente mediante o compartilhamento com outra pessoa. Todos os pensamentos, ações e lembranças que trazem vergonha, a culpa ou a ansiedade precisam ter plena expressão. O afeto liberado torna-se o fogo capaz de secar o complexo e purificá-lo de sua contaminação inconsciente.

A necessária frustração do desejo é a principal característica do estágio de *calcinatio*. Primeiro, a substância deve ser localizada, isto é, o desejo e a expectativa inconscientes não reconhecidos precisam ser identificados e afirmados. A urgência instintiva deve ser plenamente aceita pelo Ego, pois não pode ocorrer uma *calcinatio* adequada enquanto o material correto a ser trabalhado não estiver à mão.

O fogo da *calcinatio*, na medida em que puder ser evocado pelo psicoterapeuta, é obtido em grande parte pela expressão de atitudes e reações que frustrem o paciente. Em termos terapêuticos, o processo de *calcinatio* deve ser facilitado pelo terapeuta apenas quando houver uma aliança entre este e o paciente, além de uma solidez psíquica (por parte de ambos) suficientemente forte para suportar o fenômeno, fazendo com que a frustração ocorra sem gerar sentimentos de negatividade no paciente.

De uma forma geral, ao enfrentar-se a realidade da vida, tem-se uma gama variada de situações para que a *calcinatio* dos desejos frustrados ocorra. A realidade com frequência

produz o fogo da *calcinatio* ao desafiar ou negar as exigentes expectativas desses desejos, que operam sob a suposição implícita de que fazem jus ao seu objeto. Tendo negada a sua justificativa, o desejo frustrado torna-se o próprio fogo da *calcinatio*. A *calcinatio* tem um efeito purgador ou purificador. A substância (complexo) é purgada de sua umidade radical¹⁸.

A *calcinatio* produz, de alguma forma, imunidade ao desejo anteriormente frustrado e uma habilidade para ver os aspectos arquetípicos da existência. Sobre isso, Edinger (1999) escreve: “Na medida em que estamos relacionados com o aspecto transpessoal do nosso ser, experimentamos o afeto como fogo etéreo (Espírito Santo) e não como fogo terrestre – a dor do desejo frustrado” (p.64).

SOLUTIO

A operação alquímica do elemento água é a *solutio*, que significa, em termos essenciais, a transformação de um elemento sólido em um elemento líquido: “o sólido parece desaparecer no solvente, como se tivesse sido engolido” (Edinger, 1999, p.67). Para o alquimista, a *solutio* significava com freqüência o retorno da matéria diferenciada ao seu estado indiferenciado original (*prima materia*).

Segundo Edinger (1999), a experiência da *solutio* ‘dissolve’ problemas psicológicos mediante a transferência da questão para o domínio do sentimento. Em outras palavras, dá respostas a questões ao dissolver a obstrução da libido de que a questão era sintoma.

No processo psicoterapêutico, o fenômeno de *solutio* corresponde à dissolução dos aspectos estáticos da personalidade que não admitem mudanças. Esses aspectos já estão estabelecidos pelo Ego e são fundamentados na certeza de que são corretos e justos. Para a transformação ocorrer, é preciso dissolver esses aspectos, de forma a reduzi-los a *prima materia*. Por meio do processo analítico, os produtos do inconsciente são examinados, ao mesmo tempo em que as atitudes estabelecidas pelo Ego são postas em questão.

¹⁸ A umidade radical significa a energia inconsciente que acompanha os desejos emergentes do próprio inconsciente.

“A *solutio* tem duplo efeito: provoca o desaparecimento de uma forma e o surgimento de uma nova forma regenerada” (Edinger, 1999, p.71). Psicologicamente, idéias e comportamentos antigos mantidos pelo e que passaram pelo processo de *solutio* solicitam serem coagulados numa nova forma regenerada, possuindo essa nova forma quantidades de libido a sua disposição.

A hidropisia (afogamento interior) também pode causar a *solutio*. A inflação do Ego é a causa e o agente da *solutio*. Um Ego engolido é dissolvido pelo seu próprio excesso. Sua dissolução enseja um possível rejuvenescimento sobre bases mais sólidas.

Conforme Edinger (1999), o amor e/ou a luxúria são agentes de *solutio*. Isso corresponde ao fato de um problema ou estágio psíquico específico de desenvolvimento com frequência permanecem presos ou paralisados enquanto o paciente está apaixonado. Depois, subitamente, o problema se dissolve. Apesar de novas complicações se manifestarem, a vida volta a fluir, pois foi liquefeita.

Em termos psicológicos, a *solutio* pode ser explicada da seguinte forma: o agente da dissolução será um ponto de vista superior (ou aspecto da personalidade, uma idéia mais completa, nova e dinâmica), mais abrangente, que é capaz de atuar como recipiente para o ponto de vista estático possuído pelo Ego consciente, cercando-o e submergindo-o efetivamente. “Aquilo que é mais amplo e abrangente do que o Ego ameaça dissolvê-lo” (Edinger, 1999, p.76). No mundo interior, o inconsciente, na qualidade de Si-mesmo (ou totalidade da psique), pode dissolver o Ego. No mundo exterior, um indivíduo dotado de consciência mais ampla do que o outro pode provoca a *solutio* e isso explica o porquê de um ponto de vista mais abrangente costumar ser experimentado como ameaça.

O banho, o aguaceiro, o chuveiro, a natação, a imersão em água são equivalentes simbólicos da *solutio* que costumam aparecer nos sonhos. Todas essas imagens relacionam-se com o simbolismo do batismo (eco do antigo procedimento primitivo de provação pela água), que significa uma purificadora e rejuvenescedora imersão numa energia e num ponto de vista que transcendem o Ego, uma verdadeira seqüência de morte e renascimento.

No batismo cristão, o indivíduo é unido com Cristo e, simbolicamente, o Ego é ligado ao Si-mesmo. O batismo dissolve todas as distinções individuais e todas as separações. Da perspectiva interior, essa dissolução equivale a uma integração dos elementos da personalidade que se encontram separados.

O batismo é um ritual de purificação que deixa a pessoa livre de impurezas (tanto as espirituais quanto as físicas). Psicologicamente, a impureza limpa pelo batismo pode ser compreendida como inconsciência (qualidades da sombra que não foram integradas ao Ego). A limpeza psicológica não significa que há eliminação dos aspectos sombrios da personalidade, e sim uma conscientização dos mesmos.

Dionísio é a divindade que representa, psicologicamente, o princípio da umidade e como tal, a fonte de fertilidade, espontaneidade e da energia, em contraste com a forma, a medida e a restrição. Um Ego imaturo que estiver contido por um todo repressor e alienante, pode manifestar anseios luxuriosos voltados para a sexualidade coletiva (orgias). Se esses anseios forem concretamente realizados, pode ser que a fragmentação psíquica desse Ego seja acentuada. Porém, as imagens de orgias coletivas sugerem a possibilidade de restabelecimento da própria vinculação com a humanidade comum através da identificação coletiva.

Muitas síndromes clínicas têm como causa uma identificação concreta com o arquétipo dionisíaco, entre elas o alcoolismo e a drogadição. Isso ocorre, porque a identificação arquetípica promove a dissolução dos limites, trazendo uma vida desmesurada que valoriza muito mais a intensidade das experiências do que propriamente o significado e a clareza das mesmas.

Uma abordagem participativa, sensível e ativa por parte do analista promove a *coagulatio*. Certos pacientes requerem essa abordagem e são ameaçados por tudo o que encorajar a *solutio* (uma vez que o processo de *solutio* tem como propriedade, a dissolução das barreiras existentes nas estruturas do Ego). O caso extremo de falha na concretização das imagens arquetípicas é a esquizofrenia: o Ego é literalmente inundado por imagens arquetípicas ilimitadas e primordiais. Um indivíduo que esteja acometido pela esquizofrenia não teve oportunidades adequadas de vivenciar os arquétipos mediados e personalizados por meio de relacionamentos humanos de boa qualidade.

COAGULATIO

É o processo que transforma as coisas em terra. A terra é um elemento permanente, tem forma e posição fixas. Não desaparece no ar por meio da sublimação, nem se adapta facilmente à forma de qualquer recipiente. Psicologicamente, dizer que algum conteúdo psíquico tornou-se “terra” quer dizer que esse conteúdo concretizou-se em uma forma localizada e particular no Ego.

A *coagulatio* é promovida pela ação. A atividade e o movimento psíquico promovem o desenvolvimento do Ego. Costuma-se equiparar a *coagulatio* com a criação. Uma outra imagem da *coagulatio* é encontrada na mitologia upanixade, que diz que “tal como a manteiga oculta no leite, a Pura Consciência (benção absoluta) está em todo ser. Deve ser batida de maneira constante, servindo a mente de haste de bater” (Edinger, 1999, p.102).

A *Turba Philosophorum* dá a seguinte receita alquímica da *coagulatio*: “Toma o mercúrio, coagula-o no corpo de Magnésio, no *Kuhul* (chumbo) ou no Enxofre que não queima, etc”. O mercúrio é a substância a ser coagulada de acordo com a passagem acima citada. Ele (o mercúrio) é o espírito autônomo da psique arquetípica, uma espécie de manifestação do Si-mesmo transpessoal. Submeter o mercúrio a *coagulatio* significa ligar o Ego ao Si-mesmo, realizando, assim, a individuação.

O trecho acima citado refere-se ainda a três outros elementos: o magnésio, o chumbo e o enxofre. O magnésio significava, para os alquimistas, algo diferente do que representa atualmente: “era um termo geral que designava vários minérios metálicos crus ou misturas impuras” (Edinger, 1999, p.103). Em termos psicológicos, coagular o mercúrio no corpo de magnésio pode significar a união da psique arquetípica com o cotidiano.

O outro elemento citado foi o chumbo. Em Edinger (1999) encontra-se uma descrição a respeito dele: “o chumbo é pesado, sombrio e incômodo. É associado ao planeta Saturno, que carrega as qualidades da depressão, da melancolia e da limitação mortificante”. Simbolicamente, a união do mercúrio com o chumbo representa a vinculação do espírito livre à pesada realidade e a adaptação desse espírito às limitações das particularidades pessoais. Durante a prática analítica, esse vínculo com o chumbo costuma ser efetuado quando o indivíduo assume responsabilidade pessoa

por fantasias e idéias inconstantes mediante sua expressão diante do analista ou de outra pessoa significativa.

O terceiro agente coagulador é o enxofre. O enxofre é um elemento que está associado ao sol (por conta de seu caráter inflamável e sua cor amarelada). Porém, seus vapores impregnam um mau cheiro e escurecem a maioria dos metais (razão pela qual se assemelha também ao inferno). Jung relaciona o enxofre, em uma linguagem psicológica, como o representante da vontade, a força impulsionadora da consciência. Mas também pode ser interpretado como compulsão, um impulso que vai desde o simples interesse até a possessão propriamente dita. Portanto, se parte do significado do enxofre é desejo – procura do poder e do prazer – pode-se ir um pouco mais longe nessa interpretação, concluindo que o desejo é um fator que coagula.

Em várias passagens do Novo Testamento, a carne é equiparada ao desejo pecaminoso. Em suas epístolas aos Gálatas, Paulo escreveu: "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas...". (Novo Testamento, Salmos e Provérbios, pg 380, 19-21). O desejo irrefreado (compulsão) é não apenas uma característica da carne (aspecto coagulado da psique), como também se encontra vinculado à encarnação.

Uma outra alegoria que representa a *coagulatio*, é a de Prometeu e o roubo do fogo sagrado. Ao ser descoberto por Zeus, foi acorrentado a um rochedo do Cáucaso. Diariamente, águias vinham se alimentar de seu fígado. Durante a noite, esse órgão se regenerava para novamente servir de alimento para as águias no dia seguinte. Prometeu permaneceu nesse suplício por trinta anos¹⁹.

Outro exemplo de *coagulatio* é o de Adão e Eva sendo expulsos do Paraíso (ou condição paradisíaca, aquele que precede o Ego) depois do crime que cometeram (comer do fruto proibido). Estas alegorias demonstram que o desenvolvimento do Ego associa-se às vivências do mal, do crime e da culpa. Dessa forma, a consciência do mal que existe em cada um – isto é, a percepção das características negativas do

¹⁹ Alguns autores indicam trinta séculos.

arquétipo da sombra – provoca coagulação. “É perigoso ser unilateral, mesmo na bondade” (Edinger, 1999, p.111).

Os sonhos freqüentemente fazem alusão ao aspecto criminoso da condição de Ego. A presunção de assumir a vontade e a consciência pode ser representada com um roubo. O atrevimento que consiste em seguir a autoridade interior é expresso como o assassinato de uma autoridade projetada. O ser um Ego está inextricavelmente vinculado com a culpa, punida com a *coagulatio* – que seria o confinamento dentro dos limites da própria realidade pessoal – sugerida pelo motivo dos grilhões e da prisão que aparecem nos sonhos.

A *coagulatio* costuma ser seguida, em geral, pela *mortificatio*, uma vez que aquilo que se concretizou plenamente agora se acha sujeito à transformação. Embora seja um processo marcado pela culpa, a *coagulatio* contém, como foi dito, sua própria capacidade de redenção.

A associação entre Luna (lua) e *coagulatio* indica ser esta última governada pelo princípio feminino. É o que indica igualmente a natureza feminina da terra, da matéria (*mater*), e o fato de só podermos encarnar por meio de um útero feminino. Toda forma, manifestação ou estrutura específica que solidifiquem nossas energias vitais numa expressão particular e concreta faz parte da natureza da mulher. O país, a igreja, a comunidade, a instituição, a família, a vocação, a diversão, a relação pessoal – tudo isso garante nosso compromisso através do princípio feminino. Mesmo aparentes abstrações como a ciência, a sabedoria, a verdade, a beleza, a liberdade e, assim por diante, quando servidas de modo concreto e realista, são experimentadas como personificações do feminino. Jung definiu o princípio feminino como princípio de relação. Assim, podemos afirmar que o relacionamento coagula.

Todo processo inicial de desenvolvimento psíquico individual – o surgimento do Ego a partir do seu estado original de unicidade com a psique objetiva – pode ser tido como um processo de *coagulatio*. A experiência e a percepção consciente das imagens arquetípicas inatas só têm seqüência se forem encontradas em formas concretas, personalizadas.

O relacionamento pessoal da infância coagula os arquétipos, mas também os distorce e os limita. Se os aspectos particulares que foram objeto da coagulação se

revelarem demasiado unilaterais em termos de negatividade ou de alguma outra forma nocivos para o crescimento, sua destruição e recoagulação, sob circunstâncias favoráveis, serão um imperativo.

A mitologia, a religião e a alquimia são de fundamental importância para a psicologia profunda, pois as analogias que podem ser observadas personificam a psique objetiva e os processos pelos quais ela passa no decorrer de seu desenvolvimento. As analogias dão forma e visibilidade ao que ainda se encontra intangível e invisível, ao conteúdo ainda não coagulado (diferente dos conceitos e das abstrações, que fazem parte do elemento ar e são agentes da *sublimatio*).

As imagens dos sonhos e as imagens presentes na imaginação ativa (imagens essas originárias da alma) coagulam, pois vinculam, através da analogia, o mundo exterior ao mundo interior.

O sacramento cristão da Santa Comunhão é um rito de *coagulatio*. É interessante notar que vários outros sacramentos se acham igualmente vinculados com o simbolismo das operações alquímicas. O sacramento do batismo pertence a *solutio*; o sacramento da extrema-unção a *mortificatio*; e o matrimônio a *coniunctio*. Entretanto, a Eucaristia é o rito central do cristianismo e, como Jung observou, pode ser considerada como o rito do processo de individuação, pois do ponto de vista da linguagem simbólica do processo de *coagulatio*, compartilhar do alimento eucarístico significa a incorporação, por parte do Ego, de uma relação com o Si-mesmo.

SUBLIMATIO

A *sublimatio* é a operação alquímica que pertence ao ar. Ela transforma o material em ar por meio de sua elevação e volatilização.

O termo sublimação vem do latim *sublimis*, que significa elevado. Isso indica que o aspecto essencial da *sublimatio* é um processo de elevação por intermédio do qual uma substância inferior se transforma numa forma superior mediante movimento ascendente. Todas as imagens referentes ao movimento para cima – escadas, degraus, elevadores, alpinismo, montanhas, voar, e assim por diante – pertencem ao simbolismo da *sublimatio*, aplicando-se o mesmo a todos os valores e conotações psicológicas associadas com estar em cima em vez de embaixo.

A *sublimatio* é uma ascensão que eleva acima do emaranhado confinador da existência terrestre e de suas particularidades concretas. Conforme Edinger (1999) “quanto mais alto nos elevamos, tanto maior e mais ampla nossa perspectiva, mas, ao mesmo tempo, tanto mais distantes ficamos da vida real e tanto menos nossa capacidade de agir sobre aquilo que percebemos” (p.136).

Para o alquimista, o processo da sublimação era experimentado em imagens simbólicas. Ele podia ver, por exemplo, um pássaro elevando-se da matéria situada na parte inferior do pote alquímico para as regiões superiores. Equiparava-se o pote alquímico com o macrocosmo, sendo sua parte inferior a terra e a superior, o céu. O sublimado sai da terra e é transportado para o céu.

A capacidade de estar acima das coisas e de ver a si mesmo com objetividade é a habilidade de dissociar. O uso dessa palavra indica de imediato o perigo da *sublimatio*. Quando levada a extremos, cada operação alquímica tem sua própria sintomatologia patológica. A capacidade de dissociação da psique é tanto a fonte da consciência do Ego quanto a causa da doença mental.

A *sublimatio* inferior deve sempre ser seguida por uma descida, ao passo que a superior é um processo de culminância, a translação final para a eternidade daquilo que foi criado no tempo. A consciência individual ou a percepção individual da totalidade é o produto psicológico do processo temporal de individuação. Por essa razão, o tornar-se eterno é uma idéia misteriosa que parece implicar na transformação da consciência alcançada pelo indivíduo num acréscimo permanente à psique arquetípica.

A maioria das imagens de *sublimatio* encontradas no trabalho terapêutico pertence a *sublimatio* inferior. Com efeito, para os pacientes contemporâneos, as imagens de subida, de altura e de vôo quase sempre indicam a necessidade de uma descida. Os indivíduos modernos têm tido um excesso de *sublimatio*, ao menos do tipo inferior. Eles precisam da descida e da *coagulatio*. A relativa liberdade do estado sublimado é uma importante realização no curso do desenvolvimento psíquico, mas é apenas uma parte. Estar preso no céu pode ser desastroso. A subida e a descida são igualmente necessárias. Como afirma um dito alquímico: “Sublima o corpo e coagula o espírito”.

Apesar do perigo da *sublimatio* para a mente moderna, seu simbolismo permanece no cerne de todos os esforços humanos voltados para o desenvolvimento. Tudo aquilo que evoca nossa natureza melhor, mais elevada, e, com efeito, toda a moralidade, partilha do conjunto de imagens vinculadas com a *sublimatio*. Toda a história da evolução cultural pode ser considerada como um grande processo de *sublimatio*, no qual os seres humanos aprenderam a ver com objetividade a si mesmos e ao seu mundo.

MORTIFICATIO

A *mortificatio* é a mais negativa de todas as operações alquímicas. Está vinculada ao negrume, à derrota, à tortura, à mutilação, à morte e ao apodrecimento. Todavia, essas imagens sombrias com freqüência levam a imagens altamente positivas – crescimento, ressurreição, renascimento; mas a marca registrada da *mortificatio* é a cor negra.

Em termos psicológicos, o negrume refere-se à sombra. Por conseguinte, as referências positivas sobre o processo estariam aludindo, no nível pessoal, às conseqüências positivas advindas do fato se ter consciência da própria sombra. No nível arquetípico, também é desejável ter consciência do mal. De acordo com a lei dos opostos, uma intensa consciência de um dos lados constela seu contrário. A partir do negrume, nasce a luz. Em contraste com isso, os sonhos que enfatizam o negrume costumam ocorrer quando o Ego consciente se mostra identificado de maneira unilateral com ela.

O rei, o sol e o leão são imagens que referem-se ao princípio diretor do Ego consciente e ao instinto de poder. Num certo ponto, esses aspectos devem ser mortificados para que surja um novo centro. No nível arquetípico, a *mortificatio* do rei ou do sol refere-se à morte e transformação de um princípio diretor coletivo ou dominante.

A origem e o crescimento da consciência parecem estar vinculados de maneira peculiar à experiência da morte. Talvez o primeiro par de opostos a penetrar na consciência dos seres humanos primitivos tenha sido o contraste entre o vivo e o morto.

A *mortificatio* é experimentada como derrota e fracasso. Desnecessário dizer que raramente alguém opta por ter essa experiência. Ela costuma ser imposta pela vida, quer a partir do interior quer do exterior. De certa maneira, podemos experimentá-la de modo indireto por meio do grande instrumento cultural de *mortificatio*, o drama trágico. Em alguns casos, o drama pode oferecer mais do que uma experiência indireta. Se o momento for propício, pode ter um efeito indutivo e dar início a um autêntico processo de transformação do indivíduo.

SEPARATIO

Considerava-se a *prima materia* uma confusa mistura de componentes indiferenciados e opostos entre si, mistura essa que requeria um processo de separação. Os vários processos químicos e físicos realizados no laboratório alquímico fornecem imagens para esse processo. Extraía-se metal do minério puro por meio do aquecimento, da pulverização ou de vários recursos químicos. Muitas substâncias, ao serem aquecidas, dividem-se numa parte volátil, que se torna vapor, e num resíduo terroso, que permanece.

Em todos esses exemplos, uma mistura composta passa por uma discriminação de suas partes componentes. Produz-se a ordem a partir da confusão, num processo análogo ao do nascimento do cosmos a partir do caos nos mitos da criação. Não é de se admirar, por conseguinte, que muitos mitos cosmogônicos descrevam a criação como *separatio*.

Em termos psicológicos, o resultado da *separatio* pela divisão em dois é a consciência dos contrários. Trata-se de uma característica essencial da consciência emergente.

A *separatio* elemental que dá ensejo à existência consciente é a separação entre sujeito e objeto, entre o eu e o não-eu (o primeiro par de opostos). Na medida em que os opostos permanecem inconscientes e não separados, vivemos em um estado de *participation mystique*²⁰, que significa a identificação com um dos lados de um par de opostos e a projeção do seu contrário com um inimigo. O espaço para a existência da consciência surge entre os opostos, o que significa que tornar-se consciente é ser capaz de conter e de suportar os opostos interiormente.

²⁰ Para maiores esclarecimentos sobre o termo, leia *Os símbolos de Transformação na Missa*, de C.G Jung.

Um importante aspecto da psicoterapia é o processo da *separatio*, cujo componente mais relevante é a separação entre sujeito e objeto. O Ego imaturo é notório pelo seu estado de *participation mystique* tanto com o mundo interior quanto com o mundo exterior. Um Ego nessa condição deve passar por um prolongado processo de diferenciação entre sujeito e objeto. À medida que isso ocorre, a desidentificação com outros pares de opostos também ocorre.

Espadas, facas, lâminas bem afiadas de todos os tipos pertencem ao simbolismo da *separatio*. A medição, a contagem, o ato de pesar e a consciência quantitativa em geral pertencem à operação de *separatio*.

Uma profunda expressão do arquétipo da *separatio* é encontrada no simbolismo do Juízo Final. A noção de um julgamento após a morte está presente em quase todas as culturas. Em termos psicológicos, essa idéia pode ser compreendida como uma projeção, no além-túmulo, de um encontro antecipado com o Si mesmo, encontro que determinará se alcançamos ou não a condição de indivisibilidade.

CONIUNCTIO

A *coniunctio* é o ponto culminante da *opus*. Em termos históricos e psicológicos, ela apresenta um aspecto extrovertido e introvertido. O fascínio dos alquimistas pela faceta extrovertida deste processo promoveu o estudo do milagre da combinação química²¹. Pela faceta introvertida, esse fascínio gerou o interesse pelo conjunto de imagens e pelo processo inconscientes, que foram estudados pela psicologia analítica do século XX.

Os alquimistas tiveram a oportunidade de testemunhar em seus laboratórios muitos exemplos de combinação química e física, na qual duas substâncias se unem para criar uma terceira com propriedades completamente diferentes. Um importante exemplo de combinação física é a fusão de metais derretidos e em particular, a formação de amálgamas pela união do mercúrio com outros metais.

Quando se tenta compreender o rico e complexo simbolismo da *coniunctio*, é importante saber distinguir as duas fases desse processo: a *coniunctio* inferior e a *coniunctio* superior. A inferior é uma união ou fusão de substâncias que ainda não se encontram completamente separadas. É sempre seguida pelo processo de *morficatio*.

²¹ Os estudos alquímicos foram os precursores da química e da física modernas.

A união dos opostos que foram separados de maneira imperfeita caracteriza a natureza da *coniunctio* inferior. O produto que resulta é uma mistura contaminada que deve ser submetida a outros processos para ser purificada.

A *coniunctio* superior é o alvo da *opus*, ou seja, a suprema realização. Na realidade, esses dois aspectos se acham combinados. O objetivo da *opus* é a criação de uma entidade maravilhosa que recebe vários nomes, como “Pedra Filosofal”, “Nosso Ouro”, “Água Penetrante”, etc. Sua produção resulta de uma união final dos opostos purificados, corrigindo, assim, toda a unilateralidade.

A experiência da *coniunctio* é quase sempre uma mistura dos dois aspectos (o inferior e o superior).

Edinger (1999), faz uma correlação entre a *coniunctio* e a psicoterapia, dizendo que o paciente em processo terapêutico é sempre confrontado por seus opostos de maneira interminável até o momento em que, de forma gradual, um novo ponto de vista que permite a experiência dos opostos ao mesmo tempo surge. Isso seria a *coniunctio* (um ponto de vista que é ao mesmo tempo libertador e que pode ser considerado como uma carga).

SIMBOLISMOS DO FOGO

Jung (1986) fala que preparação do fogo é exercida há muito tempo em todo o mundo. Gradualmente, ela foi perdendo a sua aura de mistério, entretanto a tendência de preparar o fogo de modo cerimonial e misterioso, segundo regras exatas e precisas, não desapareceu. Este rito remete ao sagrado existente originalmente na preparação do fogo.

Nos tempos primitivos, o fogo era o principal método de sacrifício aos deuses. Concebia-se o fogo como um vínculo conector entre os reinos divino e humano. O que era sacrificado pela combustão tornava-se, de modo bastante literal, sagrado. Aquilo que queima transforma-se quase totalmente em fumaça, subindo para as regiões superiores. É transferido para os deuses por um processo de sublimação. Esta é a base da concepção do sacrifício queimado dos gregos, a *thysia*, bem como das oferendas queimadas dos judeus.

O termo sânscrito para fogo é *agnis* (o latino *ignis*), o fogo personificado é do deus *Agni*, o mediador divino, cujo símbolo tem certas semelhanças com idéias cristãs.

Na Índia, *Agni* é o deus hindu do fogo, aquele a quem se oferece o sacrifício. No pensamento hindu, através do fogo o homem pode comunicar-se com estados superiores do

ser, com os deuses e com as esferas celestes. Por meio do fogo pode participar da vida cósmica e cooperar com os deuses.

Certos mitos falam do banho de fogo que produz a imortalidade. A imortalidade é uma qualidade dos arquétipos, logo, o significado psicológico do “banho de fogo” da imortalidade será o estabelecimento de um vínculo entre o Ego e a psique arquetípica (eixo Ego-Si-Mesmo), tornando aquele consciente do seu aspecto transpessoal, eterno ou imortal.

O fogo constitui um elemento masculino, simbolizando a energia ora criadora, ora destruidora. Possui uma vasta amplidão simbólica. Tresidder (2000), diz: “Encontra-se o fogo significando a purificação, a revelação, a transformação, a regeneração e o ardor espiritual ou sexual” (p.106). Em um ambiente doméstico, por exemplo, o fogo de uma lareira, a sua imagem é protetora, aconchegante, mas como força da natureza, é ameaçador.

Na alquimia, o elemento fogo é representado por um triângulo apontando para cima (Δ), constituindo um elemento unificador.

Em culturas antigas ou primitivas, o fogo era venerado e adorado como um deus real, um símbolo do poder divino, pois é um elemento aparentemente vivo, no sentido de que cresce a partir do material que consome, morrendo e reaparecendo. A partir dessas observações feitas pelos povos antigos, o fogo foi interpretado como a forma terrestre do Sol, com o qual partilha muito de seu simbolismo.

O fogo era homenageado em diversos cultos. O culto de adoração à Moloch é um exemplo disso: Moloch, conhecido também como “Príncipe do Vale das Lágrimas” e “Semeador de Pragas” é o nome dado a uma divindade malévola adorada por diversas culturas antigas. É um símbolo pagão associado a sacrifícios humanos por meio da imolação (sendo que a maioria dos sacrificados eram crianças). Os amonitas (descendentes de Amon) membros de tribo a leste do Jordão, também costumavam adorá-lo, sacrificando crianças em seu louvor para obterem boas colheitas e vitória nas guerras.

A noção de expurgar o mal pelo fogo, iria, mais tarde na História, causar as mais cruéis atrocidades da Igreja Cristã através da Santa Inquisição e sua caça às bruxas, que levou às fogueiras milhares de pessoas que eram suspeitas de praticarem bruxaria na Europa. Já na América do Norte, entre as tradições dos índios, a fogueira era uma imagem de felicidade e prosperidade, representando o próprio Sol, que era chamado de O Grande

Fogo. No Budismo, um pilar de fogo constitui um símbolo de Buda, e o fogo como iluminação pode ser uma metáfora a respeito da sabedoria.

Tresidder (2000), acredita que no pensamento místico, “o fogo simboliza freqüentemente a união com a divindade, a transcendência da condição humana, o objetivo de todas as coisas” (p.106). Daí a noção do fogo espiritual que queima sem consumir.

O simbolismo da ressurreição que o fogo possui é personificado pela Fênix e pela Salamandra. O simbolismo da regeneração também está subjacente nos rituais pascais tanto da Igreja católica romana como da Igreja ortodoxa oriental.

O fato de virgens cuidarem freqüentemente do fogo sagrado (as vestais na Roma antiga, mulheres do templo no império Inca, filhas dos chefes entre os heróis) está ligado à pureza que lhe é atribuída. Devido a esse poder purificador, o fogo é um apreciado meio de penitência. Lurker (2003), diz: “Através da queima são eliminadas todas as impurezas da oferenda de sacrifício” (p.275).

A maior parte dos aspectos do simbolismo do fogo está resumida na doutrina hindu, que lhe confere fundamental importância. Chevalier e Gheerbrant (2000) destacam essa importância: *Agni*, *Indra* e *Surya* são os fogos dos mundos, respectivamente, terrestre (fogo comum), intermediário (raio) e celeste (Sol). Além desses, existem outros dois fogos: o da penetração ou absorção (*Vaishvanara*), e o da destruição (outro aspecto de *Agni*). Considera-se, paralelamente, cinco aspectos do fogo ritual (também representados por *Agni*)²².

Segundo o *I Ching*, o fogo corresponde ao sul, à cor vermelha, ao verão e ao coração. Essa última relação, aliás, é constante, quer o fogo simbolize as paixões (principalmente o amor e a cólera), quer ele simbolize o espírito (o *fogo do espírito*) ou o conhecimento intuitivo a que se refere a *Gita*. A significação sobrenatural do fogo estende-se das almas errantes (fogos-fátuos, lanternas do Extremo Oriente usadas para representar a alma de um morto), até o Espírito Santo.

O fogo é o símbolo divino essencial do Masdeísmo. O termo masdeísmo significa onisciente e designa a religião de Zaratustra, existente aproximadamente em 551 a.C., que

²² “*Agni*, *Indra* e *Surya* são os fogos dos mundos: terrestre, intermediário e celeste, i.e., o fogo comum, o raio e o Sol. Além disso, existem outros dois fogos; o da penetração ou absorção (*Vaishvanara*), e o da destruição (outro aspecto do *Agni*). Considere-se, paralelamente, cinco aspectos do fogo ritual, que também é *Agni*” p.440.

pretendia fundar um monoteísmo mitigado: frente ao deus bom, *Ahura-Mazda*, existe o princípio do mal, *Ahriman*. O ser humano deve participar nessa luta com a verdade frente à mentira e o erro, até que *Ahriman* seja destruído.

A guarda do fogo sagrado é um costume que se tem sua origem na antiga Roma e em Angkor. O símbolo do fogo purificador e regenerador desenvolve-se do Ocidente ao Japão. A liturgia católica do fogo novo é celebrada na noite de Páscoa. A do Xintó coincide com a renovação do ano. Segundo certas lendas, o Cristo (e alguns santos) revificava os corpos passando-os pelo fogo da fornalha. Os taoístas entram no fogo para libertar-se do condicionamento humano e fazem isso sem se queimar. Esse fenômeno evoca a imagem do *fogo que não queima*, assunto da alquimia ocidental. Representa ato de ablução ou purificação alquímica, simbolizada pela Salamandra.

Na China antiga, o fogo purificador era um componente essencial nos rituais de entronização, bem como o banho e a fumigação (purificação por meio do fumo). Também representando a purificação, o fogo era usado na Idade Média durante os ordálios (espécie de julgamento divino).

O Buda substitui o fogo sacrificial do hinduísmo pelo fogo interior, que é, ao mesmo tempo, conhecimento penetrante, iluminação e destruição do invólucro. Os Upanixades asseguram, paralelamente, que queimar pelo lado de fora não é queimar. Daí o símbolo da Kundalini ardente na Ioga hindu, e o fogo interior do tantrismo tibetano. Esse último sistema, que considera apenas cinco centros sutis, faz corresponder o fogo ao coração.

De acordo com o que diz Chevalier e Gheerbrant (2000), nas tradições celtas, tem-se o fogo como elemento ritual e simbólico. Na Irlanda, alguns textos antigos fazem menção unicamente à festividade denominada de Beltane, que se realizava a primeiro de maio, data que marca o início do verão. Nessa ocasião, os druidas acendiam grandes fogueiras – o fogo de Bel – e faziam passar o gado por entre elas, a fim de preservá-los das epidemias. Já Bachelard (1972) afirma que esse ritual era para fazer com que esses animais deixassem de ser estéreis. Os inúmeros ritos de purificação pelo fogo – em geral, ritos de passagem – são muito característicos das culturas agrárias.

De acordo com Séjourné (1962), *apud* Chevalier e Gheerbrant (2000), “o fogo, terrestre e ctoniano, representa para os astecas, força profunda que permite a união dos contrários e a ascensão – ou a sublimação – da água em forma de nuvens, i.e a

transformação da água terrestre, água impura, em água celeste, água pura e divina”. O fogo, portanto, é motor da regeneração periódica.

Alguns ritos crematórios têm, como origem, a aceitação do fogo como uma espécie de veículo ou mensageiro entre o mundo dos vivos e dos mortos. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2000):

Na ocasião de certas festividades comemorativas de um falecimento, os teleutas dirigem-se em procissão ao cemitério, onde acendem duas fogueiras: uma à cabeceira do ataúde e outra junto à base do mesmo. Na primeira dessas fogueiras, destinada ao morto, deposita-se a quantidade de alimentos que lhe serão reservados: o fogo encarregar-se-á de transmitir-lhe essa oferenda (p.442).

Conforme Chevalier e Gheerbrant (2000), o fogo também tem uma simbologia relacionada à sexualidade. De forma universal, essa significação está ligada à primeira das técnicas usadas para a sua obtenção: através da fricção. A fricção (movimento de vaivém) é uma representação simbólica do ato sexual²³. O significado espiritual do fogo estaria, por sua vez, ligada a obtenção por meio da percussão (choque de dois corpos).

G. Durand e Bachelard, citados em (Chevalier e Gheerbrant, 442), distinguem duas posições (ou constelações) psíquicas para a simbologia do elemento fogo. Essa distinção é feita justamente a partir do meio pelo qual o fogo é obtido: se for obtido através da percussão, existe um significado de purificação e de iluminação e a esses significados estão relacionados os ritos de incineração, o Sol, e as fogueiras de elevação e sublimação. Obtido através da fricção, sua conotação é sexual, exatamente o oposto do significado da percussão.

Sobre a conotação sexual do fogo, Jung (1986)²⁴ escreve:

O pramantha como instrumento do Manthana (o sacrifício de fogo) entre os hindus tem significado sexual: o pramantha representa falo ou homem, o pau furado colocado embaixo é vulva ou mulher. O fogo gerado é a criança, o filho divino Agni. No culto os

²³ “A significação sexual do fogo está ligada, universalmente, à primeira das técnicas usadas para a obtenção do fogo: por meio da fricção, num movimento de vaivém – imagem do ato sexual” (p.442).

²⁴ Weber *apud* Jung (1986) sobre o culto de *manthana*:

Um determinado fogo sacrificial é aceso pela fricção de dois paus; toma-se um pedaço de madeira com as palavras: “Tu é o lugar de nascimento do fogo” (janitram), e sobre ele colocam-se duas gramíneas: “vós sois os dois testículos”, sobre estas o adharârani (o pau colocado por baixo) “tu és Urvaçi”, unta-se o uttarârani (o pau a ser colocado por cima) com manteiga “tu és força” (sêmen...), e deposita-se o mesmo sobre adharârani: “tu és Purûravas”, e esfregam-se ambos três vezes: “fricciono-te com o Gâyatrîmetrum”, “fricciono-te com o Trishtubhmetrum”, “fricciono-te com o Jagatîmetrum” (p. 136).

dois paus chamam-se Purûravas e Urvaçi e são personificados como homem e mulher. Do órgão genital da mulher nasce o fogo (p.136).

Assinalando também a ambivalência existente na representação simbólica do elemento fogo, Eliade (1956), *apud* Chevalier e Gheerbrant (2000), escreve: “sua origem pode ser tanto divina quanto demoníaca (pois, conforme certas crenças arcaicas, ele é gerado, magicamente, no órgão genital das feiticeiras)” (p.442).

Refletindo a partir dessas idéias, Chevalier e Gheerbrant (2000) afirmam que “o simbolismo do fogo marca a etapa mais importante da intelectualização do cosmo, e afasta o homem cada vez mais da condição animal” (p.442). Ao prolongar o símbolo nessa direção (no sentido de ter sido criado a partir da percussão), o fogo seria o deus vigente e pensante que nas religiões já teve o nome de *Agni*, de *Athor* e, entre os cristãos, de Cristo.

Como o Sol e seus raios, o fogo simboliza com suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Chevalier e Gheerbrant (2000) apresentam um aspecto negativo do elemento ao dizer que o mesmo também obscurece e causa sufocamento (através de sua fumaça). É um elemento que queima, devora e destrói (representando o fogo das paixões, do castigo e das guerras). O fogo, na qualidade de elemento que queima e consome, é também símbolo de purificação e regeneração. Reencontra-se, pois, o aspecto positivo da destruição. De acordo com Bachelard (1972), aquilo “que se modifica lentamente se explica através da vida, o que se modifica depressa é explicado pelo fogo” (p. 21).

Sobre os processo de purificação através dos elementos, Chevalier e Gheerbrant (2000) comentam:

A água também é um elemento com ação purificadora, mas o fogo distingue-se dela porque simboliza a purificação pela compreensão mais espiritual de suas formas, pela luz e pela verdade; ao passo que a água simboliza a purificação do desejo, até a mais sublime de suas formas – a bondade (p.443).

CONCLUSÃO

Pode-se atribuir dois fatores para as queimaduras dos pacientes internados na unidade de queimados do Hospital Regional da Ana Norte (HRAN): o fator involuntário e o fator voluntário.

O fator involuntário de queimadura é constatado quando a mesma foi causada por um acontecimento acidental. Nessa categoria incluem-se os acidentes com substâncias corrosivas, os acidentes com líquidos combustíveis (como o álcool e a gasolina)²⁵, os escaldamentos com algum tipo de óleo usado em frituras ou com líquidos ferventes (como água ou café)²⁶, choques elétricos e as tentativas de homicídio.

O fator voluntário é aquele que envolve a queimadura que foi resultante de uma tentativa de suicídio (ou auto-extermínio). Os motivos mais frequentes para o auto-extermínio são: desespero, culpa, drogadição ou alcoolismo, surtos psicóticos e maníacos, decepções no amor (principalmente traições).

Faz parte da rotina da equipe de psicologia atuante na Unidade de Queimados a entrevista de anamnese dos pacientes (tanto os recém-internados quanto os que já se encontram na unidade há mais tempo). Tenta-se, nessa etapa, levantar a maior quantidade de dados possíveis a respeito da história de vida do paciente. Um dos dados que precisa ser levantado é o histórico do acidente.

Uma característica bastante marcante é que os pacientes que tentam o auto-extermínio oferecem uma resistência maior para descrever como o acidente ocorreu e só o fazem após algumas entrevistas (de fato, quando percebem que a aliança terapêutica for criada. Então, resolvem contar detalhadamente o evento).

Depois de investigadas as circunstâncias da tentativa de auto-extermínio, o próximo assunto a ser explorado é o contexto anterior à lesão, para que um esboço da situação psíquica do paciente seja elaborado.

Nas entrevistas de acompanhamento feitas posteriormente, surgem itens que necessitam serem investigados, tais como os relatos sobre as observações feitas pelos próprios pacientes sobre o que acontece ao corpo deles (sensações, sentimentos, associações) quando relembram a tentativa de auto-extermínio. Grande parte deles

²⁵ Os acidentes com álcool e gasolina são causados sempre quando o paciente tentou acender algum tipo de fogo, como o das churrasqueiras.

²⁶ Escaldamentos ocorrem com muita frequência em crianças.

apresenta o que é clinicamente chamado de síndrome do estresse pós-traumático. Em Conger (1993) encontra-se uma passagem sobre as seqüelas que podem ocorrer na síndrome, dentro de uma abordagem junguiana:

Como exemplo de trauma psíquico, explicava Jung, podemos imaginar uma pessoa que foi gravemente ameaçada por um cachorro. A experiência é acompanhada de várias reações do sistema nervoso simpático. Inúmeras sensações corporais são alteradas e, talvez nos meses seguintes, fragmentos passageiros de memória a respeito do incidente recuperam a experiência, que é parcialmente revivida. Com o passar do tempo, o complexo de terror, em vez de integrado, submerge. Contudo, volta à tona sempre que, por várias sutis razões, a experiência for mobilizada de novo (p.66).

Muitos pacientes apresentam dificuldades em dormir, pois, além das dores dos ferimentos, ficam receosos de voltar a sonhar com fogo ou com a situação do auto-extermínio. Costumam sonhar com cômodos fechados, que pouco a pouco vão sendo tomados por fumaça, até que surge o fogo e destrói esses cômodos (que são, em geral, quartos que os pacientes têm em suas casas).

A finalidade do suicídio para esses pacientes (de acordo com relatos) é de justamente acabar com todo o sofrimento, tristeza, decepção e culpa. Muitos não sabem o que os levou a escolha do fogo, apenas recordam que o combustível era, no momento, o que estava mais próximo deles.

AUTO-EXTERMÍNIO E DROGADIÇÃO / ALCOOLISMO

O auto-extermínio de paciente que são drogadictos ou alcolistas ocorre, na maior parte das vezes, depois do uso das substâncias. Motivados pelos efeitos das drogas e/ou do álcool, os pacientes resolvem concretizar o objetivo de tirar a própria vida.

Em geral, os pacientes drogadictos e alcolistas se encontram em um nível intermediário de dependência e em seu meio familiar as drogas e o álcool já se tornaram motivo de muitas brigas e desentendimentos. Alguns pacientes relatam que tentaram parar de usar as drogas/álcool algumas vezes, mas não obtiveram êxito.

O ciclo de usar drogas – tentar parar – recomeçar o uso, deixa os drogadictos/alcolistas desestimulados. Sentimentos de menos-valia, início de

depressão favorecem o uso de grandes quantidades de drogas e, geralmente, sob o efeito destas que os pacientes tentam o suicídio.

AUTO-EXTERMÍNIO E PSICOSE (SURTOS PSICÓTICOS E MANÍACOS)

Os relatos de casos de auto-extermínio após algum tipo de surto psicótico ou maníaco geralmente envolvem alucinações visuais e auditivas. São comuns as vozes que dizem para o paciente ser parte de um ritual que tem a finalidade de salvar toda a humanidade, mas para que isso aconteça é necessário que ele ofereça seu próprio corpo em sacrifício²⁷.

Outro tipo de conteúdo que surge nos relatos é o de vozes que acusam o paciente de ser uma pessoa suja e que precisa encontrar um meio de purificar seu corpo, de modo que sua alma fique limpa também.

AUTO-EXTERMÍNIO POR DECEPÇÕES AMOROSAS

A maior parte dos pacientes que cometem tentativa de auto-extermínio por motivos de decepção amorosa é do sexo feminino.

Os relatos mais comuns estão relacionados a dificuldades existentes na relação entre os cônjuges como brigas, a existências de amantes, flagrantes de traição e até mesmo o término dessas relações.

SIMBOLISMO DO FOGO, SACRIFÍCIO E TENTATIVAS DE SUICÍDIO

Analisando os relatos dos pacientes internados na unidade de queimados é possível fazer uma correlação entre a tentativa de suicídio e os simbolismos do sacrifício e do fogo. Antes, porém, é necessário que as tentativas de suicídio (e o suicídio consumado) sejam analisadas pela ótica da Psicologia Junguiana.

De acordo com o ponto de vista junguiano, especificamente, de Hillman (1993), o suicídio não é visto como uma síndrome e nem como um sintoma: é sim um fato que pode ocorrer no curso de uma vida. Uma investigação analítica difere das outras por não pretender nem condenar e nem perdoar o suicídio em si, nem mesmo julgá-lo de

²⁷ As vozes ouvidas geralmente são de anjos ou mesmo de Deus.

alguma forma, mas tem como objetivo simplesmente entendê-lo como um fato na realidade psicológica do ser humano.

O suicídio é um evento motivado por múltiplos fatores. Hillman (1993) apresenta algumas classificações morfológicas para o suicídio, mas deixa claro que para o estudo analítico do fenômeno é necessário esquecer quaisquer tipos de classificação:

Suicídios Coletivos: classificam-se nesse gênero a morte de um bando de animais, investida heróica de uma brigada (os *kamikazes* e os assassinos políticos), as famílias japonesas que cometem o *harakiri* e o *seppuku* e os esquimós da aldeia *Ardjilligjuar*.

Suicídios Simbólicos: martírio religioso, auto-imolação, ingestão de vidro, banhos com substâncias combustíveis e imediatamente a isso o contato com o fogo, acender pavio de artefato pirotécnico previamente engolido.

Suicídios Emocionais: aqueles realizados sob o domínio de uma paixão avassaladora. Nessa classe estão as vinganças contra inimigos, a imposição de angústia sobre outros, humilhação por ruína financeira, vergonha da exposição pública, suicídios por culpa e desespero, melancolia por envelhecimento, fracasso (especialmente no amor).

Suicídios Intelectuais: a lealdade a um grupo, uma causa ou um princípio é a motivação. São exemplos a greve de fome e o suicídio ascético²⁸ que conduz ao Nirvana e as mortes através do martírio intenso que eram encorajadas pela Igreja Católica Medieval.

O suicídio é uma das possibilidades humanas: a morte pode ser escolhida. O significado dessa escolha é diferente, de acordo com as circunstâncias e o indivíduo. A tentativa de suicídio deve ser “encarada como um ato extremamente humano. E por ser tão humano é que desperta uma gama variada de sentimentos, emoções e dúvidas” Matos (2005).

É interessante observar que as categorias mostradas por Hillman estão entrelaçadas, pois pode-se encontrar várias motivações existentes em diferentes categorias para um mesmo fato.

²⁸ Os ascetas são místicos que vivem em um regime constante de devoção e penitência.

As tentativas de suicídio com o uso do fogo apresentam um simbolismo bastante rico. Os temas envolvendo as tentativas de auto-extermínio através do uso do fogo encontram variações e possíveis significados que estão relacionados à simbologia do próprio elemento. O ato remete a imagem dos antigos ritos sacrificiais que eram executados pela humanidade em épocas antigas. Jung fez uma análise dos símbolos de transformação que estão envolvidos nos mais diferentes tipos de ritos a partir de algumas observações elaboradas por ele.

Jung estudou e tentou elaborar possíveis interpretações psicológicas a respeito dos componentes simbólicos dos ritos de sacrifício: o ato de sacrifício e a oferenda. A definição de oferenda elaborada por Jung (1979) diz:

A oferenda é simbólica [...], diz respeito a tudo quanto se acha expresso no símbolo; diz respeito ao produto físico, à substância preparada, bem como ao desempenho psicológico do homem e ao princípio vital da natureza.[...] O valor da oferenda torna-se maior pelo fato de se tratar do melhor ou das primícias (p.54).

Um questionamento pode aqui ser levantado: Será que a oferenda de uma pessoa que tentou o suicídio seja o seu sofrimento e frustração?

A ação sacrificial consiste, antes de tudo, em dar algo que pertença ao eu. Tudo o que “me” pertence traz a marca do “meu”, a identificação sutil com o “meu eu”. Parece haver uma identificação do paciente com o seu sofrimento: ele é a culpa que sente, a revolta, a vergonha, a incapacidade, o medo, a tristeza. Jung (1979) afirma que, de alguma forma o ofertante não tem consciência do valor simbólico possuído pela oferenda e não sabe que o que está sendo oferecido é uma parte de sua individualidade. Por isso toda oferenda está conectada a uma pretensão pessoal.

A vida é dada em sacrifício e os relatos dos pacientes indicam que gostariam de cessar o sofrimento e as tristezas que sentem e enfim, conseguir um pouco de paz e tranquilidade. Jung (1979) acredita que, enquanto houver uma motivação Egoísta por trás da oferta (o “dou para que me dê”), não se caracterizará sacrifício. O sacrifício torna-se de fato quando há uma renúncia genuína, como se a partir do momento em que a oferenda for entregue, ela seja aniquilada.

Os acompanhamentos posteriores aos feitos na enfermaria (consultas no ambulatório e nas reuniões de grupo), mostram que grande parte dos ex-pacientes

consegue lidar com as situações que viviam no período da sua tentativa de suicídio. Muitos são os que superam as adversidades e se preparam para outra fase em suas vidas: a volta para sociedade.

Sobre a escolha do fogo, pode-se dizer que, de acordo com o simbolismo apresentado está relacionado à purificação. Especialmente nos casos de pacientes com histórico de psicose, as idéias de salvação e purificação estão muito presentes. Talvez, possa-se afirmar que os símbolos do fogo relacionados a isso encontram-se armazenados no inconsciente coletivo do paciente, e que, em uma hora de surto agudo, ocorra uma identificação entre o Ego e esses arquétipos.

Um outro simbolismo reside na alquimia, especialmente no processo de calcinatio, levantando outro questionamento: Será que os pacientes da unidade de queimados possuem dificuldades para simbolizar e por isso plasmam, materializam, o fogo “interno” e simbólico nas tentativas de auto-extermínio, de forma a executar a *calcinatio* diretamente sobre o próprio corpo (que seria a representação da *prima materia*) com a finalidade de transformá-lo?

Os questionamentos levantados só seriam respondidos através de uma longa e profunda pesquisa, que abordaria justamente quais seriam os símbolos e as dificuldades encontradas para cada paciente em relação ao significados específicos de suas tentativas de auto-extermínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A psicanálise do Fogo. Lisboa: Estúdios, 1972.
- CONGER, John P. Jung e Reich: O corpo como sombra. São Paulo: Summus, 1993.
- EDINGER, Edward F. Anatomia da Psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 1999.
- GRINBERG, Paulo. Jung, o Homem Criativo. São Paulo: FTD, 1997.
- HALL, Calvin S. ; NORDBY, Vernon J. Introdução à Psicologia Junguiana. São Paulo: Cultrix, 2000.
- HALL, James A. A Experiência Junguiana: análise e individuação. São Paulo: Cultrix, 2003.
- HILLMAN, James. Suicídio e Alma. Petrópolis: Vozes, 1993.
- JEAN, Chevalier; GHEERBRANT, Alain. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- JUNG, C.G. Estudos Alquímicos. Petrópolis: Vozes, 2003.
- JUNG, C.G. Psicologia e Alquimia. Petrópolis: Vozes, 1994.
- JUNG, C.G. Símbolos da Transformação. Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, C.G. Os Símbolos de Transformação na Missa. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LURKER, Manfred. Dicionário de Simbologia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MATOS, Teresa. Comunicação oral. Brasília, 2005.
- NOVO TESTAMENTO, Salmos e Provérbios. Gideões Internacionais.
- TRESIDDER, Jack. Os Símbolos e os Seus Significados. Lisboa: Estampa, 2000.
- ROOB, Alexander. Alquimia e Misticismo: o museu hermético. Köln: Taschen, 2001.
- SILVEIRA, Nise da. JUNG: vida e obra. São Paulo: Paz e Terra, 2001.